

Maria do Socorro Silva de Aragão
Rita de Cássia de Oliveira



Copyright©2005 by Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará

Governador do Estado
Lúcio Gonçalo de Alcântara

Vice Governador do Estado
Francisco de Queiroz Maia Júnior

Secretária da Educação Básica
Sofia Lerche Vieira

Secretário Adjunto da Educação Básica
Luís Eduardo de Menezes Lima

Secretária Executiva
Arleida Maria de Queiroz

Coordenadoria de Planejamento e Política Educacional
Eloísa Maia Vidal

Coordenadoria de Articulação e Gestão Educacional
Maria Marlene Amâncio Vieira

Coordenadoria de Monitoramento e Controle
Edson Seabra Júnior

Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico
Silvana Góis Nogueira

Célula de Gestão de Recursos Humanos
Maria Estefânia Pinheiro Cavalcante

Unidade de Gerenciamento de Projetos
Edlourdes Pires Moura Coelho

Edições SEDUC

Coordenação Editorial
Eloísa Maia Vidal

Capa e Projeto Gráfico
Roberto Santos

Editoração Eletrônica
Edições Bagaço

Revisão
Elenita Maciel
Fernanda Caldas

Catálogo na Fonte
BPEP

Este projeto conta com o apoio do acordo de empréstimo N° 4591/BR do Banco Mundial

C387I

Ceará. Secretaria da Educação Básica
A lingüística e o ensino de Português / SEDUC; Maria do Socorro Silva
de Aragão e Rita de Cássia Oliveira; Fortaleza: SEDUC, 2005.
64p.

ISBN - 85-373-0023-3

1. LINGÜÍSTICA – GRAMÁTICA – ENSINO MÉDIO. 2. LÍNGUA POR-
TUGUESA – ESTUDO E ENSINO. 3. LÍNGUA PORTUGUESA – LÍNGUA,
SOCIEDADE E CULTURA. I. ARAGÃO, MARIA DO SOCORRO DE . II.
OLIVEIRA, RITA DE CÁSSIA DE. III. título.

CDU 3724
CDD 3724

Todos os direitos desta edição são reservados à Secretaria da Educação Básica.
Centro Administrativo Governador Virgílio Távora
Av. Gen. Afonso Albuquerque s/n, Cambeba
60.819900 Fortaleza Ceará Brasil
www.seduc.ce.gov.br

Apresentação

A produção destes módulos pela Secretaria da Educação Básica do Ceará tem como objetivo subsidiar teórica e metodologicamente os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da rede estadual, na perspectiva de um processo produtivo de ensino e aprendizagem da língua, voltado para o uso que dela se faz nas diversas situações comunicativas a que o usuário está exposto nas práticas sociais.

Em conformidade com as pesquisas no campo da Linguística, o usuário apreende o funcionamento da língua em interação com o outro e o contexto sociocultural em que está inserido. Como se lê nos PCNEM (2002, p. 139): **"a interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo [...]".** Assim, compreendendo a apreensão e funcionamento da língua como um fato natural, o ensino e a aprendizagem dos fatos lingüísticos devem incorporar a simplicidade e a naturalidade inerentes ao ato interlocutivo.

No entanto, ainda é grande a angústia em grande número de professores no que se refere a uma prática pedagógica voltada para o uso social da língua. Entre outras causas, essa angústia pode ser motivada, possivelmente, por falta de atualização dos docentes ou por um currículo universitário igualmente desatualizado, não comprometido com a qualidade da formação do profissional.

Por via de consequência, o impacto disso repercute negativamente no desempenho dos alunos tanto no âmbito da avaliação desenvolvida pela unidade escolar quanto nas avaliações externas, considerando que nestas últimas são avaliadas competências não desenvolvidas pela escola. Também, como efeito dominó, coopera para a exclusão dos estudantes mais pobres, que têm o acesso vetado a espaços privilegiados da ciência, da cultura e do mundo do trabalho pela não-aquisição dos saberes necessários e das habilidades exigidas pelo mundo moderno; enfim, destrói os sonhos acalentados por milhares de jovens que, abalados em sua auto-estima, transformam-se em adultos sem perspectivas pela não-consolidação da cidadania buscada.

Na perspectiva de minimizar esse impacto danoso, os módulos ora apresentados propiciam a atualização do professor, promovendo uma formação continuada e em serviço, pelo esclarecimento de alguns conceitos básicos da Linguística e demonstração da sua aplicabilidade na sala de aula, permitindo, assim, uma articulação entre teoria e prática, favorecendo, simultaneamente, o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem em consonância com as mais recentes abordagens de ensino da língua.

Essa iniciativa traduz, portanto, o esforço da Secretaria da Educação Básica do Ceará de oferecer subsídios e orientações para as atividades pedagógicas do professorado de Língua Portuguesa do Ensino Médio, sem que isso, venha, contudo, a comprometer o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos mestres em favor de uma educação de qualidade para os jovens cearenses.

Sofia Lerche Vieira
Secretária da Educação Básica do Ceará

Sumário

Apresentação	5
Introdução	7
Iniciando nossa conversa	9
Para que essa conversa?	10
Apresentando o assunto	10
Conversando sobre o assunto	10
1 Conceito de Lingüística e Divisões de Estudo	10
1.1 Conceitos, Métodos, Objetivos e Relacionamentos	10
1.2 Lingüística e Gramática	12
1.3 Linguagem, Língua e Fala	13
1.4 Conceitos gerais sobre a natureza das Línguas	14
1.5 Conceituação de Língua e Fala	15
2 Modalidades da Língua	17
3 Sistemas de Signos	19
3.1 Conceituação de Signo	19
3.2 Tipos de Signos	20
3.3 Linguagem Verbal e Não-verbal	22
4 Funções da Linguagem	24
4.1 Funções da Linguagem segundo Jakobson	25
5 Língua, Sociedade e Cultura	30
5.1 Conceitos de Cultura	31
5.2 Conceitos de Sociedade	31
5.3 Variação Lingüística	33
5.4 Normas e Usos	46
6 Lingüística e Ensino de Línguas	50
6.1 Lingüística Aplicada: Conceituação e Características	50
6.2 Objetivo do Ensino de Língua Materna	51
6.3 Tipos de Ensino de Língua	56
Glossário	57
Atividades	58
Leitura Orientada	60
Bibliografia Consultada	61
Ficha Técnica	63

Introdução

O material que ora chega às suas mãos, professor(a), teve como fator desencadeador a pesquisa realizada, em 2003, pela Secretaria da Educação Básica do Ceará (SEDUC), através da Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico/Célula do Ensino Médio, sobre o currículo real, das diversas disciplinas, desenvolvido nas escolas desse nível de ensino.

No caso mais específico de Língua Portuguesa, a análise dos dados dessa pesquisa teve por base as categorias técnico-científicas da disciplina, assim distribuídas: literatura (incluindo estilística); língua/linguagem; gramática(incluindo fonética/fonologia, morfologia, sintaxe e morfossintaxe); convenções da escrita; leitura, compreensão e interpretação; produção textual; aspectos textuais; variação lingüística; aspectos léxico-semânticos e linguagem oral.

Consideradas essas categorias, a análise dos dados revelou que o conteúdo referente à **literatura apresentou o mais elevado percentual de incidência com 26,6%, seguida de gramática com 23,4%; aspectos textuais com 14,5%; produção textual com 12,3%; leitura, compreensão e interpretação com 9%; convenções da escrita com 7,8%; língua/linguagem com 2,3%; linguagem oral com 2,2%; aspectos léxico-semânticos com 1,8% e, por último, variação lingüística com 0,2%, percentual sem nenhuma relevância estatística.**

Como se constata, categorias de grande relevância não foram priorizadas, conforme deveriam, a exemplo da variação lingüística com 0,2%; da estilística com 1,9% (incluída na literatura); da linguagem oral com 2,2%, configurando-se, assim, duas situações polarizadas: numa ponta – a real, refletida na pesquisa e, na outra – a desejada, refletida nos Referenciais Curriculares Básicos (RCB) para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas do Ensino Médio da rede estadual, elaborados à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), sobre os quais incidem avaliações externas como a desenvolvida pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

A diferença em ambas as situações demonstra que, apesar da reformulação por que vem passando o ensino e a aprendizagem da língua materna, com orientações metodológicas e objetivos voltados para o uso que dela se faz nas práticas sociais, isso ainda não se efetivou no fazer pedagógico de grande parte dos profissionais. Assim, percebe-se um descompasso entre as orientações contidas na proposta curricular de Língua Portuguesa e a sua efetiva operacionalização nas escolas da rede estadual.

Considerando que avaliações externas têm por base os PCNEM, isso acarreta implicações diretas para o insucesso do aluno, como se observa no paralelo entre as categorias anteriormente mencionadas e a representatividade destas nas temáticas do SAEB:

- **Literatura:** exageradamente focalizada nas escolas de Ensino Médio do Ceará, perpassa apenas uma temática do SAEB com percentual equivalente a 6%.
- **Gramática:** apresenta a segunda maior incidência de trabalho na escola com 23,4%, é aferida, implicitamente, em três temáticas do SAEB correspondendo a um percentual de 8,4%.
- **Leitura, compreensão e interpretação:** foco do ensino da língua materna, sobre o qual se debruça o SAEB, apresenta um percentual correspondente a 26,4%, enquanto na escola o trabalho dedicado a essa temática atinge apenas 9%.
- **Aspectos textuais:** com incidência percentual no SAEB de 20%, apresentam o índice de 14,5% de ensino na escola. Vale ressaltar que o conhecimento dos diversos gêneros textuais são de suma importância para a formação do leitor e, conseqüentemente, para a construção da cidadania.
- **Escrita:** apesar de ser uma habilidade não aferida pelo SAEB, requer uma atenção mais concentrada da escola, tendo em vista que leitura e escrita representam um binômio de fundamental importância para a aprendizagem da língua e das diversas disciplinas.
- **Variação lingüística:** com resultado quase nulo de 0,2% no trabalho da escola, é um dos temas do SAEB, com 7% de representação nos descritores, sendo abordada como de suma importância em toda bibliografia atual, inclusive nos PCNEM, considerando que uma das características mais forte da língua é a variação, representada pelo dinamismo que lhe é inerente, dada a sua natureza social.
- **Aspectos léxico-semânticos:** com percentual de 1,8% indicativo do trabalho na escola e com 14% de representação no SAEB, necessita de uma atenção maior do docente, tendo em vista que o ensino e a aprendizagem de qualquer tema não pode prescindir dos estudos do significado e do sentido das palavras nos diversos contextos em que estão inseridas.
- **Linguagem oral:** com índice percentual de 2,2% na escola e com 7% de representação no SAEB, essa categoria apresenta uma defasagem no trabalho escolar que pode ser pernicioso ao sucesso dos alunos, tendo em vista que a expressão inadequada é fator de discriminação social. Vale ressaltar a importância da fala, primeira manifestação da linguagem verbal, para a interação entre os membros de todas as comunidades discursivas.

Reconhece-se, no entanto, que causas diversas, internas e externas à escola, contribuem para esse descompasso. Dentre as internas, ressalta-se a necessidade de atualização do professor, subsidiando-o em reconceptualizações sobre o estudo da língua na perspectiva de uma abordagem contemporânea, que forneça suportes para a aprendizagem, levando em conta a função e o uso do significado da linguagem de forma a oferecer um ensino contextualizado, partindo, naturalmente, da vivência sociocultural do aluno.

No sentido de intervir positivamente nesse contexto, foi produzido quatro módulos, contendo subsídios teóricos e didático-metodológicos, com a finalidade de situar o docente nas novas abordagens de ensino da língua, proporcionando-lhe uma aproximação com os avanços obtidos na ciência da linguagem.

O objetivo geral de cada módulo é dado a conhecer ao leitor, por meio do **Iniciando a nossa conversa**; os objetivos específicos, por meio do **Para que essa conversa**; em **Apresentando o assunto**, mais especificamente, é explicitada a forma de organização e, por fim em **Iniciando o assunto** é apresentado o conteúdo do módulo. Na perspectiva de uma melhor orientação, cada módulo traz um glossário, atividades, sugestões de leitura e uma bibliografia básica de apoio ao docente.

O Módulo I, denominado **A Lingüística e o Ensino de Português**, apresenta os conceitos básicos da Lingüística, ponto de partida para o seu estudo. Aqui, por meio da relação intrínseca entre língua, sociedade e cultura é esclarecido, à luz da ciência, o porquê da variação lingüística, fenômeno que, sem exceção, afeta todas as línguas.

O Módulo II, intitulado **A Lingüística Textual: Texto e Textualidade**, avança na direção dos estudos da Lingüística, tendo como partida o texto, provoca uma reflexão sobre os variados mecanismos dos diferentes fatores de textualidade, tendo em vista o reconhecimento dos princípios que fundamentam a lingüística textual.

O Módulo III, **O Ensino da Leitura**, aborda aspectos que possibilitam conceber a leitura, como um ato interativo entre leitor e autor, como uma atividade cognitiva que conduz o leitor a desvendar, através de determinadas estratégias por ele desenvolvidas, não apenas o que está dito na superfície do texto, mas, principalmente, o que não está dito e consegue compreender, construindo um sentido para o texto.

O Módulo IV, **A Compreensão e a Produção dos Gêneros Textuais**, aborda aspectos relacionados à leitura e à escrita dos diversos gêneros textuais, priorizando a função social da língua nos diversos atos e formas de produção e compreensão funcionalmente diversificados.

Por fim professor(a), desejamos que cada módulo seja uma porta aberta a outras tantas que, na qual pelo seu esforço e dedicação, consiga penetrar e... multiplicar esse acesso em novas descobertas.



Iniciando nossa conversa

Prezado Professor, o presente Módulo pretende fornecer-lhe as bases teórico-metodológicas sobre princípios essenciais dos estudos lingüísticos, a fim de melhor qualificá-lo e ajudá-lo no seu fazer pedagógico no ensino da Língua Portuguesa.



Para que essa conversa?

Os objetivos específicos deste Módulo deverão ajudá-lo a:

- Incorporar à sua prática noções fundamentais sobre língua e linguagem.
- Utilizar, de modo correto e criativo, a língua como base da comunicação.
- Entender e utilizar, em sala de aula, todas as formas de comunicação verbal e não-verbal.
- Ser capaz de compreender as relações entre língua, cultura e sociedade.
- Ser capaz de distinguir as variações lingüísticas nos diversos contextos e as conseqüentes diversidades culturais entre grupos sociais, observando e valorizando a fala do aluno.
- Observar as variações regionais e socioculturais que podem levar a mudanças lingüísticas.
- Utilizar, aprimorar e priorizar, no processo da comunicação, o uso oral da linguagem.



Apresentando o assunto

O Módulo está organizado em quatro grandes partes, com subdivisões, todas ilustradas e complementadas por atividades e exercícios que deverão ajudá-lo em sua formação e na melhoria de suas atividades didáticas.

Espera-se que, ao final do Módulo, você tenha adquirido os princípios básicos teórico-metodológicos dos estudos lingüísticos, além de, por meio da prática pedagógica, aplicá-los ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.



Conversando sobre o assunto

1 Conceito de Lingüística e Divisões de Estudo

1.1 Conceitos, Métodos, Objetivos e Relacionamentos

Lingüística é o estudo científico da linguagem humana. A Lingüística estuda a linguagem humana, que se distingue da linguagem animal ou de outros tipos de linguagem como a da música e a da pintura, por exemplo.

A Lingüística estuda a linguagem humana que é a única a ter a dupla articulação. Se tivermos um texto podemos dividi-lo em unidades cada vez menores, como parágrafos, frases, palavras, sílabas

e fonemas e depois podemos recompô-lo, a partir dos fonemas até o texto integral. Apenas a linguagem humana é capaz de ser duplamente articulada. Não podemos, por exemplo, articular o urro de um animal em unidades menores e depois reorganizá-lo para termos o urro integral.

Ao definir a Lingüística Fishman diz: "**a lingüística é a ciência cujo objeto de estudo é a descrição sistemática da língua (1971, p. 156)**". Para Saussure a lingüística deve estudar não apenas a linguagem, como instituição humana, mas a língua, como sistema coletivo e social. Segundo ele: "**a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma (1971, p 17)**".

E complementa:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (1969, p.17).

Nessa definição sente-se, de imediato, a predominância do aspecto social sobre o individual, ressaltado por Saussure, que considera, inclusive, secundária a parte individual da linguagem.

A Lingüística, como toda ciência, para ser assim considerada, precisa ter as seguintes características:

- **Objeto de estudo:** o objeto de estudo da Lingüística, como ciência, é a Língua.
- **Dados Observáveis:** os dados observáveis da Lingüística são os Atos de Fala.
- **Métodos Próprios:** a Lingüística tem métodos próprios ou emprestados, para a análise de seus dados: Histórico-Comparativo (famílias de línguas); Geográfico (áreas de extensão); Histórico (história das línguas); Matemático (estatístico, matemático e computacional).

A Lingüística possui um constructo teórico que lhe dá o suporte para suas investigações científicas.

A Lingüística, ciência que estuda a linguagem humana, não pode ser vista isoladamente, uma vez que o homem é um ser complexo na sua constituição individual e no seu relacionamento sociocultural. Por esta razão, estabelece relações com várias outras ciências que também tratam de alguns aspectos relativos ao homem.

É a partir dessa inter-relação de ciências que surgem campos de estudo mais ricos e profícuos, onde mais de um enfoque pode ser dado à análise e à interpretação de fatos humanos.

Assim, o Campo Relacional da lingüística é bastante amplo, como veremos a seguir:

- a) Lingüística e Sociologia = Sociolingüística, que estuda as inter-relações entre a Língua e a Sociedade.
- b) Lingüística e Antropologia = Etnolingüística ou Antropolingüística, que estuda as inter-relações entre a Língua e a Cultura.

- c) Lingüística e Psicologia = Psicolingüística, que estuda as inter-relações entre a Língua e a Psicologia.
- d) Lingüística e Pedagogia = Lingüística Aplicada, que estuda as inter-relações entre a Língua e a Pedagogia do Ensino de Línguas.
- e) Lingüística e História = Lingüística Diacrônica ou Histórica, que estuda as inter-relações entre a Língua e a História.
- f) Lingüística e Geografia = Dialectologia e Geografia Lingüística, que estudam as inter-relações entre a Língua e a Geografia.
- g) Lingüística e Filosofia = Filosofia da Linguagem, que estuda as inter-relações entre a Língua e a Filosofia.
- h) Lingüística e Matemática = Lingüística Matemática e Computacional, que estudam as inter-relações entre a Língua e a Matemática e a Computação.

1.2 Lingüística e Gramática

Lingüística e Gramática são interdependentes e complementares, uma vez que a Lingüística é científica e a Gramática, prescritiva. A Lingüística descreve a língua, a Gramática normatiza a língua.

- **Lingüística Científica:** a Lingüística como ciência, apenas observa os fatos da língua, sem emitir juízo de valor. A Lingüística não diz o que é certo ou errado, ela apenas observa, descreve e analisa os fatos da língua. Estuda as variações lingüísticas, sejam elas referentes à região, à época, aos fatores sociais, tais como faixa etária, sexo, escolaridade, profissão, registro culto ou popular. A lingüística não estabelece normas ou regras. Isso é tarefa da Gramática.
- **Gramática Prescritiva:** ao contrário da Lingüística, a Gramática é normativa e prescritiva. Ela determina o que é certo ou errado, prescrevendo as regras gramaticais que devem ser levadas em conta no registro padrão ou culto da língua. A gramática não permite variações fonéticas ou morfosintáticas, feitas pela facilidade de articulação na linguagem familiar ou coloquial.

Pode-se, em linhas gerais, determinar a diferença entre a **Lingüística** e a **Gramática**, mostrando que uma é ciência e a outra é tecnologia. A **Gramática** utiliza-se dos princípios e métodos da **Lingüística** para determinar as normas e regras de uma língua padrão ou culta.

Apesar de a lingüística ser científica e não prescritiva nenhuma língua prescinde de uma padronização, que normalmente é feita por motivos políticos e sociais, por membros de uma classe social mais elevada em termos econômicos, políticos e culturais. Assim, para a uniformidade da língua de uma nação, é necessário que haja a prescrição da Gramática.

Contudo, é bom lembrar que o ensino da Gramática não deve ser feito fora dos contextos lingüísticos, sociais e culturais dos alunos que estão na escola para aprender um novo registro de língua e não aprender a língua.

A citação de Possenti (1997), neste contexto é muito importante:

[...] Todas as sugestões [...] só farão sentido se os professores estiverem convencidos – ou puderem ser convencidos – de que o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada "sobre" ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito "sobre" uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais (p. 16).

1.3 Linguagem, Língua e Fala

A linguagem é uma das faculdades essenciais que distingue o homem dos animais e está relacionada à nossa capacidade de pensar no abstrato. A Linguagem é a capacidade que o homem tem de se comunicar e de interagir através de um sistema de signos verbais e não-verbais. Esses signos podem ser visuais, pictóricos, sonoros, gestuais e lingüísticos.

O progresso da humanidade só é possível porque o homem pode transmitir e comunicar a seus semelhantes, de geração a geração, suas descobertas, seus conhecimentos, suas idéias, suas experiências.

Ao tratar de Linguagem, Sapir (1921) diz: **a linguagem é um método humano e não-instintivo de comunicar idéias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos produzidos voluntariamente** (p. 12).

A Linguagem possui um conjunto de características, quais sejam:

- **Instituição e criação humana:** todos os órgãos do aparelho fonador são órgãos emprestados. A primeira função desses órgãos não é a fonação: os pulmões, a boca, o palato, os dentes, os lábios, a língua, utilizados pela fonação servem para outras funções do corpo humano, que não a fonação. O homem adaptou esses órgãos para a fala.
- **Produto da vida em sociedade:** falamos porque ouvimos outros falarem. A aprendizagem da língua se dá no meio onde nascemos e vivemos. Se estivermos isolados não aprenderemos a falar.
- **Instrumento de comunicação:** a principal função da linguagem é a comunicação de idéias, pensamentos, sentimentos.
- **Duplamente articulada:** a possibilidade de analisarmos um texto em unidades menores e podermos recompor textos a partir de uma única letra é própria da linguagem humana. Não podemos decompor e recompor um grito ou urro de animal, mas podemos dividir a frase em unidades menores e depois reconstruí-la. Este é o princípio da dupla articulação:

1ª Articulação: é a divisão das frases em signos: A menina é bonita: a / menina / é / bonita.

2ª Articulação: é a divisão dos signos em fonemas (ou letras): menina – m / e / n / i / n / a /.

- **Simbolizada:** apenas o homem tem a capacidade de simbolização e representação. Os animais não podem dar nomes a objetos, sentimentos e pensamentos.
- **Evolutiva:** a língua se modifica para se adaptar aos seus falantes. Evolui funcionando.
- **Adquirida:** a linguagem é adquirida. Aprendemos porque nos ensinam e porque ouvimos os outros falarem. Ela é, portanto, adquirida por aprendizagem e por imitação.
- **Linear:** a linguagem humana é linear, só falamos ou escrevemos linearmente, ou seja, numa cadeia linear, uma palavra após a outra. Se olharmos uma pintura, por exemplo, podemos ver o todo, sem divisões, sem que tenhamos de olhar uma casa, depois uma árvore, mas vemos todo o quadro, com todos os seus elementos constitutivos.

1.4 Conceitos gerais sobre a natureza das Línguas

Cada língua corresponde a uma análise particular dos dados da experiência humana:

- Para o indo-europeu a distinção importante é animado x inanimado.
- Para nós ocidentais a distinção importante é masculino x feminino.
- Os esquimós têm dezenas de palavras para gelo.
- Nós temos apenas uma só palavra para gelo.
- Os esquimós têm apenas uma única palavra para plantas.
- Nós temos dezenas de palavras para plantas.
- Os franceses distinguem entre *fleuve* (rio que deságua no mar) e *riviere* (rio que deságua noutro rio).
- Nós usamos uma só palavra para rio, não importa se ele deságua no mar ou noutro rio.
- Os franceses usam uma só palavra – *bois* – para bosque, madeira em geral, madeira de construção, lenha de queimar.
- Nós usamos bosque, floresta, mata, madeira, tábuas, lenha, ripa.

Cada língua tem a melhor articulação para si mesma, tem seus sons próprios, com organização específica. A Língua Portuguesa tem seus próprios sons, que são combinados de forma diferente dos sons de outras línguas. O inglês tem o som /th/, que distingue signos, é, assim, um fonema: *thing* / *sing* (coisa / canto ou cantar) nós não temos esse fonema. O alemão permite a combinação dos fonemas / p / e / f /, como em *pferd*, cavalo, a língua portuguesa não permite essa combinação.

Cada língua é a melhor para o grupo que a fala, numa determinada etapa lingüística. A língua serve aos interesses particulares

de seus falantes, transformando-se e adaptando-se segundo as necessidades de seus usuários.

Os indígenas que não conhecem o objeto computador, não precisam da palavra computador. Isso não os faz ignorantes ou primitivos, apenas naquela etapa de sua cultura a não-existência do objeto faz com que sua língua não tenha a palavra que represente aquele objeto.

A partir desses princípios, podemos ver que não há línguas pobres ou ricas, feias ou bonitas, fáceis ou difíceis. É pertinente a citação de Malmberg, (1979) quando diz:

Uma língua não é em si mesma nem mais clara, nem mais lógica, nem mais abstrata que outra. Toda língua permite – desde que seu vocabulário seja suficientemente grande – a expressão dos pensamentos mais claros e mais confusos, mais lógicos e mais estúpidos, mais abstratos e mais concretos (p. 156).

1.5 Conceituação de Língua e Fala

A comunicação humana pressupõe a existência de três fatores importantes:

- **Um emissor:** que inicia o processo de comunicação.
- **Um receptor:** que recebe e interpreta a comunicação.
- **Uma mensagem:** que é o conteúdo da comunicação. O assunto a ser comunicado.

Para que a comunicação possa existir é necessário que o **emissor** e o **receptor** utilizem um código para emitir sua mensagem. Esse código, conhecido por ambos os elementos participantes da comunicação é a **língua**.

Definindo **Língua** diz Martinet (1968): "**uma língua é um instrumento de comunicação através do qual a experiência humana se analisa de modo diferente em cada comunidade**" (p. 28-29).

Língua é a manifestação da linguagem num grupo social determinado. A **Língua** é uma formalização da linguagem. É também chamada de Linguagem Verbal porque usa a palavra ou signo lingüístico.

Ao definir a **Língua** diz Saussure (1971):

A língua é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (p. 17).

Cada nação, cada povo tem sua própria língua. Assim o português, o inglês, o francês, o russo são línguas ou sistemas lingüísticos. Ao tratar de Língua Saussure diz que ela é "**um acervo lingüístico; uma Instituição social; uma realidade sistemática e funcional**" (op. cit, p.16).

Vejam os cada um desses aspectos da Língua:

- Como **acervo lingüístico**, a língua é "o conjunto de hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender". A língua, enquanto acervo guarda consigo toda a experiência histórica acumulada por um povo durante a sua existência.
- Como **instituição social**, a língua é, "ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos" (idem, p. 17).
- A Língua como **realidade sistemática e funcional**, é, antes de tudo, "um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas" (ibidem, p. 18).

É um código, um sistema homogêneo de signos que exprime idéias. A língua para ele é um elemento de coesão e organização social, mas para que essa língua seja conhecida é necessário que ela se realize em atos de fala, concretos, que podem ser analisados em seus diferentes aspectos. A dicotomia **língua x fala** é uma das mais importantes propostas por Saussure.

Para ele a **fala** é multifacetada e heterogênea.

[...] a fala é um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1. as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal
2. o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (idem, p. 28) .

Para Saussure a fala é a realização concreta da língua. É a língua em ação. Língua e Fala são interdependentes, no seu dizer:

[...] esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente: a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os efeitos; mas esta, a fala, é necessária para que a língua se estabeleça (ib. idem, p. 27) .

A língua como sistema pressupõe que todas as unidades lingüísticas, fonemas, morfemas, funcionem em relação a todas as unidades do sistema, sem levar em conta outras características fonéticas, léxicas ou morfossintáticas. A fala, por ser individual, heterogênea e variável não pode ser considerada um sistema. É, para ele um **não-sistema**.

A partir das idéias de Saussure, acrescidas posteriormente por outros estudiosos, pode-se traçar um quadro comparativo entre Língua e Fala.

Língua	Fala
Social	Individual
Homogênea	Heterogênea
Sistemática	Assistemática
Abstrata	Concreta
Constante	Variável
Duradoura	Momentânea
Conservadora	Inovadora
Ideal	Real
Permanente	Ocasional
Sistema	Realização
Essencial	Acidental
Psíquica	Psicofísica
Instituição	Práxis (ação)
Adotada pela comunidade	Surge no indivíduo
Potencialidade	Realidade
Unidade	Diversidade
Forma	Substância
Produto	Produção
Indivíduo subordinado	Indivíduo “senhor”
Necessária para a inteligibilidade e execução da fala	Necessária para que a língua se estabeleça
Competência	Desempenho

2 Modalidades da Língua

As línguas podem ser realizadas de dois modos, modalidades ou códigos diferentes: a língua falada e a língua escrita. Ambas têm o mesmo valor, não há superioridade de uma sobre a outra, mas têm objetivos, métodos e técnicas diferentes.

- **Língua falada:** é a realização concreta da linguagem, é natural, transmitida e aprendida por imitação, está ligada às características individuais de seus falantes. Pode ser de língua-padrão ou não-padrão, dependendo dos objetivos, do nível sociocultural de seus falantes e, especialmente, do contexto lingüístico e extralingüístico onde ocorra a comunicação. Geralmente, a língua falada não segue tão rigidamente as normas gramaticais da gramática prescritiva. Uma entrevista de um intelectual ou de um professor é de língua falada, mas certamente seguirá as normas da gramática prescritiva, enquanto o mesmo falante, ao conversar com seus amigos, informalmente, ou com um subordinado, não estará tão preocupado com as normas da gramática. Assim, não é o fato de ser língua falada que fará a diferença, mas a formalidade ou informalidade da comunicação, ou seja, o contexto é que determinará o tipo de nível registro que ele usará.

- **Língua escrita:** é a modalidade que está ligada diretamente à escolaridade do falante. É necessário que ele seja ao menos alfabetizado para ler e escrever as mensagens. Pode, também, ser de língua-padrão ou não-padrão. É aprendida e é uma representação da língua falada. Não há, contudo, uma relação obrigatória direta entre a formalidade ou informalidade da comunicação por ser ela escrita. Um professor ou intelectual ao preparar uma conferência ou um texto científico, certamente usará a língua-padrão, com todas as normas da gramática prescritiva, o que não ocorrerá se ele deixar um bilhete para uma servidora doméstica. Mesmo ambos sendo textos escritos, por terem objetivos diferentes, terão nível ou registro diferente.

O texto “O Gigolô das Palavras”, de Veríssimo é um bom exemplo sobre Linguagem, Língua e Gramática.

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com as suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão! Culpa da revisão!”). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo, mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando,

fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever a autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas – isso eu disse – vejam vocês, a intimidade com a Gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que os outros já fizeram com elas. Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.

(Verissimo, L. F. O gigolô das palavras. Porto Alegre. L 8 PM. 1982, p. 10).

3 Sistemas de Signos

3.1 Conceituação de Signo

Ao definir Signo diz Eco (1980): “**signo é tudo quanto, à base de uma convenção social previamente aceita, possa ser entendido como algo que está no lugar de outra coisa [...]**” (p. 11).

Signo é a representação de uma coisa por outra.

- O signo **casa** é uma representação simbólica do objeto casa.
- O signo **invejosa** é uma representação simbólica do que penso a respeito de alguém.
- O signo **amor** é uma representação simbólica de um sentimento.

3.2 Tipos de Signos

Vimos, ao tratar de linguagem e comunicação que esta pode ser feita, também, através de outros tipos de linguagem, que não apenas a verbal. Há signos **verbais** e **não-verbais** utilizados no processo de comunicação. Os **signos verbais** são sons, palavras e frases. Os signos **não-verbais** são gestos, desenhos, fotos, pinturas, filmes, sinais luminosos, entre outros.

Os signos são classificados em **signos naturais** e **signos artificiais**:

- **Signos naturais** são eventos, fatos ou marcas da natureza, inferidos pelo homem. Não são intencionais.
- **Signos artificiais** são instituídos pelo homem, a partir da ordenação, classificação e construção teórica. São intencionais.

Como signo natural temos o **índice**. **Índices** são sinais involuntários ou não intencionais que nos permitem perceber ou descobrir um dado qualquer sobre as pessoas ou a natureza. Indicam alguma coisa. Ou ainda, “**índices são aqueles signos nos quais a relação signo-objeto é uma relação direta, causal e real com seu objeto[...]**” (Epstein, 1985, p. 50). São índices: a fumaça, como indicador de fogo, uma flecha, indicando uma direção, uma pegada da areia, indicando a passagem de alguém, a fisionomia de alguém, indicando alegria, tristeza, raiva.

O **índice** não é ensinado, ele é incorporado por nós através de nosso meio, de nossos conhecimentos, de nossas tradições. Assim, ele pode ter significados diferentes dependendo de nossa visão de mundo, de nossa experiência ou de nossa profissão.

Como **signos artificiais** temos o **ícone**, o **símbolo** e o **signo lingüístico**.

O **ícone** é um signo que produz ou imita, muito proximamente, o objeto representado. Os ícones comunicam de forma imediata. Segundo Pierce (1974): “**ícone é o signo que, na relação signo-objeto, indica qualidade ou propriedade de um objeto por possuir certos traços (pelo menos um) em comum com o referido objeto**” (p. 264). São ícones: fotografias, desenhos, modelos, esquemas.

Os **símbolos** são objetos materiais que representam noções abstratas. **Símbolo** é o signo cujo significado é convencionado entre falantes de uma mesma língua.

Símbolo é o signo onde a relação signo-objeto designa seu objeto, independentemente da semelhança ou das relações causais com o objeto. É um signo arbitrário cuja ligação com o objeto é definida por uma lei convencionada (Peirce, 1974, p. 264).

São **símbolos**: a cruz para o cristianismo, a cor preta para luto, a mulher de olhos vendados com uma balança na mão para a justiça, a foice e o martelo para o comunismo.

O **signo lingüístico** é o terceiro tipo de signo artificial. É o mais importante tipo de signo uma vez que ele é a base da linguagem verbal. Por ser arbitrário e não manter nenhuma relação lógica entre o significante e o significado ele é, também, considerado um símbolo.

- **Signo Lingüístico: conceituação e características**

Para Saussure o **signo lingüístico** é uma entidade psíquica, um todo composto de dois aspectos diferentes, mas indissociáveis: o significado e o significante. É, também, arbitrário e imotivado.

Significado e significante: o signo lingüístico tem uma forma, que é chamada de **significante** e um conteúdo, que é chamado **significado**.

- **Significado:** conceito, valor, conteúdo do signo.
- **Significante:** imagem acústica, expressão do signo lingüístico.

As diferentes línguas têm o mesmo significado para “lugar onde morar”, mas significantes diferentes: *casa*, *house*, *maison*, *haus*.

Mas uma mesma língua pode ter, também, significantes diferentes, ou formas diferentes, para dizer o mesmo significado. Assim, por exemplo, dependendo da região, temos as palavras:

- **macaxeira**, **aipim**, **mandioca**, para designar a raiz comestível;
- **menino**, **moleque**, **guri**, para designar criança do sexo masculino.

Para Saussure o signo apresenta, ainda, duas características básicas: arbitrariedade, motivação, imotivação e linearidade.

Arbitrariedade, Motivação e Imotivação: para Saussure o signo lingüístico é arbitrário. Para ele o significante é imotivado, ou seja, é arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem qualquer relação natural na realidade. Diz ele que arbitrariedade, motivação e imotivação estão relacionadas à não existência de uma relação entre o signo ou a palavra utilizada para designar um objeto, um sentimento, uma idéia, e esse objeto em si mesmo, ou seja, não há uma relação direta entre o objeto “casa” e a palavra **casa**. De tal modo ele é arbitrário que cada língua tem um nome diferente para representar o conceito de “lugar para morar”. O Português tem **casa**; o Inglês tem *house*; o Francês tem *maison*; o Alemão tem *haus*.

Alguns autores contestam essa afirmação do autor. Contudo, Saussure não quis dizer com isso que cada falante pode dar arbitrariamente qualquer significante para um determinado significado e chega a dizer: “[...] a arbitrariedade do signo repousa no fato de que o falante não pode mudar aquilo que o seu grupo lingüístico já consagrou” (op. cit. p. 88).

Outro argumento contra o princípio da arbitrariedade é o caso das onomatopéias, que seriam completamente motivadas. Saussure, contudo, vê graus de arbitrariedade em seu signo, dizendo que pode haver o arbitrário absoluto e o relativo.

- **Arbitrário absoluto:** se tomarmos os exemplos banana e laranja, são arbitrários absolutos, pois a relação entre o significante e o significado é totalmente arbitrária, a relação não é necessária, é imotivada.
- **Arbitrário relativo:** os exemplos bananeira, bananada, embananar, bananosa e laranjeira, laranjada, alaranjado, são casos de arbitrário relativo, pois já há o conhecimento do significante e pode-se a partir dele, como motivação, formar novos signos com novos significantes.

Linearidade do Signo: para Saussure o significante do signo lingüístico é linear, sucessivo, nunca concomitante ou simultâneo e nem pode coexistir. Para ele:

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha (op. cit. p, 84).

3.3 Linguagem Verbal e Não-Verbal

Outros sistemas de linguagem, que não são linguagem verbal, podem, também, ser utilizados para a comunicação:

- Sistemas Sonoros { Sinos da igreja
Sirene de polícia e dos bombeiros
Campainha do telefone
- Sistemas Luminosos
 - Sinal de trânsito { Passe
Atenção
Pare
- Sistemas de Sinais { Proibido fumar
Permitido parar
Aeroporto
- Sistema Gestual { A linguagem dos surdos-mudos
O gesto para indicar "tudo bem",
com o polegar levantado.
O gesto para indicar "tudo mal", com o
polegar abaixado.

Esses sistemas são linguagem de signos, só não são **linguagem verbal** ou **língua**. Porém todos esses outros sistemas de signos precisam do signo lingüístico, da língua, para interpretá-los. Assim, o sinal luminoso de trânsito significa:

Verde = passe

Amarelo = atenção

Vermelho = pare



É importante lembrar

- A Lingüística é o estudo científico da linguagem humana.
- A Linguagem é uma das faculdades essenciais que distingue o homem dos animais.
- Linguagem é a capacidade que o homem tem de se comunicar e de interagir através de um sistema de signos verbais e não-verbais.
- A Linguagem apresenta duas faces interdependentes: a Língua e a Fala.
- Língua é a manifestação da linguagem num grupo social determinado.
- Fala é a realização concreta da língua.
- O Signo Lingüístico é uma entidade psíquica, um todo composto de dois aspectos diferentes, mas indissociáveis: o Significado e o Significante. É, também, Arbitrário-Imotivado e Linear.

Para entender a importância do signo vejamos um extrato do texto de Luís Fernando Veríssimo sobre a comunicação e o valor do signo, com significado e significante.

Comunicação

É importante saber o nome das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um...um...como é mesmo o nome?

"Posso ajudá-lo, cavalheiro?"

"Pode. Eu quero um daqueles, daqueles..."

"Pois não?"

"Um... como é mesmo o nome?"

"Sim?"

"Pomba! Um...um... que cabeça a minha. A palavra me escapou por completo. É uma coisa simples, conhecidíssima."

"Sim senhor."

"O senhor vai dar risada quando souber."

"Sim senhor."

"Olha, é pontuda, certo?"

"O que cavalheiro?"

"Isso que eu quero. Tem uma ponta assim, entende? Depois vem assim, assim, faz uma volta, aí vem reto de novo, e na outra ponta tem uma espécie de encaixe, entende? Na ponta tem outra volta, só que é mais fechada. E tem um, um... Uma espécie de, como é que se diz? De

sulco. Um sulco onde encaixa a outra ponta, a pontuda, de sorte que o, a, o negócio, entende, fica fechado. É isso pontuda que fecha. Entende?

“Infelizmente, cavalheiro...”

“Ora você sabe do que eu estou falando.”

“Estou me esforçando, mas...”

“Escuta. Acho que não podia ser mais claro. Pontudo numa ponta, certo?”

“Se o senhor diz, cavalheiro.”

“Como se eu digo? Isso já é má vontade. Eu sei que é pontudo numa ponta. Posso não saber o nome da coisa, isso é um detalhe. Mas sei exatamente o que eu quero.”

“Sim senhor. Pontudo numa ponta” [...]

(Veríssimo, Luis Fernando. Para gostar de ler. Volume 7. 1997).

4 Funções da Linguagem

Na Unidade I, deste Módulo, mostramos que para que haja comunicação é necessária a existência de três elementos básicos:

Um emissor: que inicia o processo de comunicação. Exerce uma série de atividades que lhe permitem fazer funcionar desde o cérebro até a emissão física da mensagem:

Atividade cerebral

- Escolha do assunto que vai falar.
- Seleção do significado do que vai falar.
- Escolha da forma lingüística a ser utilizada.
- Instrução aos órgãos da fala, através de impulsos nervosos.

Atividade motora/fisiológica

- Funcionamento dos órgãos da fala (pulmões, brônquios, traquéia, laringe, faringe, palato mole, palato duro, língua, dentes, lábios, alvéolos, cavidade nasal).

Atividade física

- Movimento das ondas sonoras (ondas com frequência, amplitude, duração).
- **Um receptor:** que recebe e interpreta a comunicação. Exerce uma série de atividades e funções que lhes permitem ouvir e entender a mensagem:

Atividade motora/fisiológica

- Recepção da onda sonora pelo aparelho auditivo

Atividade cerebral

- Reconhecimento do som
- Comparação do som com o modelo de sua língua
- Percepção – entendimento do que foi falado
- **Uma mensagem:** que é o conteúdo da comunicação. O assunto a ser comunicado.

A comunicação oral é uma cadeia de ações que liga o cérebro do emissor ao do receptor. A comunicação pode ser feita de forma oral, mas também escrita. No caso da comunicação escrita o **emissor** é o **escritor** (o que escreve a mensagem), e o **receptor** é o **leitor** (que lê a mensagem).

A posição de emissor e de receptor é trocada a cada momento da comunicação entre duas pessoas. Quando João fala, ele é emissor, e Maria que ouve é a receptora. No momento seguinte, se Maria responde a João, ela passa a ser a emissora e João o receptor. A comunicação é um processo contínuo entre emissor e receptor.

Durante a comunicação o emissor e o receptor exercem funções que estão ligadas às suas emoções, ao assunto tratado, às características do receptor, às circunstâncias do momento da comunicação, às intenções de ambos, e assim por diante. Cada um desses elementos vai definir uma das **funções da linguagem**.

4.1 Funções da Linguagem segundo Jakobson

Ao tratar das funções da Linguagem Jakobson (1969) propõe seis funções, ligadas ao que ele chama de fatores da comunicação. Assim, ele propõe o seguinte esquema:



A função **emotiva** ou **expressiva** está ligada ao **emissor** ou **remetente**, à sua forma de comunicar, à sua afetividade, à sua personalidade. Os pronomes utilizados são, quase sempre, os de primeira pessoa (eu, nós, a gente). Assim, nas frases seguintes pode haver muitas interpretações, dependendo do modo como são pronunciadas:

- **Maria, venha cá. (com entonação suave, carinhosa)**
- **Maria, venha cá! (com voz firme, imperativa)**
- **Mariiiiia, venha cááááá..... (com voz irritada, aos berros)**

A função predominante, nesses casos, é a **emotiva**. A mensagem pode ser a mesma, mas o modo como foi enviada é que vai dar o sentido maior ao que está sendo dito.

O extrato do texto de Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*, mostra muito bem como o autor usou a função emotiva para descrever aspectos da vida de seu personagem, que poderiam ser os de sua própria vida.

Então, no fim da tarde, quando eu vinha pela Avenida, depois de andar por tantas e tão estreitas pequenas ruas atulhadas de bondes e caminhões, e passar o dia a discutir com homens comerciais, me senti tão cansado no fim da tarde quente, e tão desanimado de minha vida e de meus negócios em eterno atraso, e tão vazio de amor que resolvi esquecer tudo, tomei um quarto no Hotel Avenida.

Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo (os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto) eu avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde. A luz de meu quarto era fraca e amarela, eu estava com a minha roupa feita no alfaiate Lima, em Itaúna, calçava botinas amarelas e escrevera minha profissão no livro do hotel: lavrador.

Tinha na mão algumas pequenas notas e as contava, faziam um total de 26 mil-réis, com mais alguns níqueis 27 mil e duzentos. Pus esse dinheiro em cima da mesa, e o contemplava e pensava assim: ao fim de 43 anos de trabalho na lavoura, porquanto aos 11 anos já pegava no cabo da enxada, eis o que resta a um homem trabalhador. Isto, uma propriedade hipotecada, a mulher doente, uma filha solteirona que dá faniquitos, um filho casado que mora longe e nunca se lembra de escrever, outro filho na penitenciária de Ouro Preto com um resto de seis anos de pena, e uma conta de hotel por pagar. Sem falar neste relógio (quanto vale?), neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara. [...]

(BRAGA, Rubem. *Galeria Cruzeiro*. In: MORAES, L.M. *Conheça o escritor Rubem Braga*. Rio de Janeiro: Record, 1979, p. 41-42).

A **função apelativa ou conativa** está ligada ao **receptor** ou **destinatário**. O emissor, ao completá-la, deseja obter, do receptor, a adesão, a aceitação ou ao cumprimento de uma ordem. A forma verbal utilizada nesse caso é o vocativo e o imperativo. Como nas frases seguintes:

- **Pode entrar!**
- **Coma tudo, José!**
- **Sente-se aqui!**

A propaganda de uma marca de cerveja sem álcool é um bom exemplo de função apelativa em que as vantagens do produto são anunciadas para convencer o cliente a comprar o produto e não um outro.

Entenda por que [...] 0,0% não tem álcool e as outras cervejas sem álcool têm

[...] é a única porque o seu processo de fabricação é diferente: ela é produzida como uma cerveja comum e, depois de pronta, o álcool é retirado. Já as outras interrompem a fermentação dos ingredientes, o que não garante que o álcool seja totalmente eliminado e ainda prejudica o sabor, [...] tem 0,0% de álcool. É uma marca que garante que ela seja uma cerveja gostosa de verdade: [...]

(Revista Veja, 3 de agosto de 2005, p.18)

A **função representativa** ou **referencial** está ligada ao **referente**. Diz respeito ao contexto ou situação, seja lingüístico, seja extralingüístico, real ou irreal. É a função utilizada nas notícias e informações, como, por exemplo, nas frases:

- **O Expediente da manhã é das 8h às 12h.**
- **O ônibus, carregado de passageiros, caiu num abismo de 30 metros.**
- **Para aprender as funções da linguagem vocês devem ler o texto da professora.**

Notícia de Jornal, informativa, descritiva.

Encontrados explosivos no presídio Sílvia Porto

Agentes penitenciários encontraram, ontem, uma grande quantidade de explosivos e detonadores em celas do Pavilhão 20 do Presídio Sílvia Porto, em João Pessoa. Foram encontrados onze explosivos de plástico, tipo C-4, usados por organizações terroristas, envolvidos em preservativos; onze espoletas de nitrato de prata (mais poderosa do que a pólvora) e oito metros de fio. De acordo com informações da Polícia, o objetivo era aproveitar o feriado de aniversário da cidade para explodir uma das guaritas do Presídio Sílvia Porto e promover uma fuga em massa.

(Jornal Correio da Paraíba. João Pessoa, 4/08/2005, p. A-8)

A função **poética** está ligada à própria **mensagem**. Diz respeito às formas como a mensagem é estruturada, à harmonia frasal, às pausas, ao ritmo, à sonoridade, que vão dar à mensagem sua característica peculiar. Os anúncios e propagandas comerciais usam bastante da função poética da linguagem. A poesia usa, também, essencialmente a função poética da linguagem.

- **Tomou Doril, a dor sumiu.**
- **Vem pra Caixa você também, vem.**
- **O bom do Brasil é ser brasileiro.**

Vejamos esta função na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Mãos dadas

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
A vida presente.*

(Andrade, C. D. de. Mãos dadas, In: MORAES, L. M. Conheça o escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1977, p. 29.)

A função **fática** está ligada ao **contato**, que pode ser físico ou psicológico. Tem a função básica de estabelecer o contato, “estar ligado” na comunicação. Não há, nesse caso, uma intenção de comunicar algo ou algum fato, mas apenas estabelecer ou romper o contato, como, por exemplo:

- **Alô, está-me ouvindo?**
- **Passe em casa pra tomar um cafezinho!**
- **Oi, tudo bem?**

A música de Paulinho da Viola, “Sinal Fechado”, é, geralmente dada como um bom exemplo de função fática da linguagem:

Sinal fechado

*Olá, como vai?
Eu vou indo, e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo, correndo,
pegar meu lugar no futuro. E você/
Tudo bem, eu vou indo, em busca
tranquilo, quem sabe?
Quanto tempo...
Pois é, quanto tempo...
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios...
Oh! Não tem de quê.
Eu também só ando a cem.*

*Quando é que você telefona,
Precisamos nos ver por aí.
Pra semana, prometo, talvez
Nos vejamos, quem sabe?
Quanto tempo...
Pois é, quanto tempo...*

*Tanta coisa que tinha a dizer,
Mas eu sumi na poeira das ruas.
Eu também tenho algo a dizer,
Mas me foge a lembrança.
Por favor telefone; preciso beber
de um sono
Alguma coisa rapidamente.
Pra semana...
O sinal...
Eu procuro você...
Vai abrir, vai abrir...
Prometo, não esqueço.
Por favor, não esqueça, não
esqueça, não esqueça. Adeus...*

(VIOLA, Paulinho da. *Sinal fechado*, nº 6349 122 - Phillips, 1974)

A função **metalingüística** está ligada ao **código**. Por ela, usa-se a língua para explicar a própria língua. As definições e explicações que se dão, por exemplo, nos dicionários ou em debates, quando se pede ou se dá o significado do que se está dizendo:

- **O que é H₂O? É água.**
- **Geolingüística é o estudo das variantes fonéticas, léxicas e morfosintáticas dos falares regionais, colocados em mapas, também chamados cartas lingüísticas.**
- **O que você quer dizer com isso? O que eu quero dizer é que a lingüística é a ciência que estuda a linguagem humana.**

O texto teórico e técnico explica um conceito lingüístico. Nele há a predominância da função metalingüística da linguagem.

Bidialectalismo. Capacidade de uso de dois dialectos de uma mesma língua por um indivíduo ou por uma comunidade. Uma das situações de bidialectalismo é a alternância de variedades: informal e formal.

(XAVIER, M. F.; MATEUS, M.H. (Orgs.) **Dicionário de termos lingüísticos**. V 1. Lisboa: Cosmos, s.d. p. 63.)

É importante lembrar que essas funções da linguagem não são exclusivas, ou seja: nenhuma mensagem pode ser vista como apenas emotiva, apelativa, referencial, poética, representativa ou metalingüística. Elas são interdependentes, misturam-se e influenciam-se umas às outras.

Contudo, em cada tipo de comunicação há a predominância de um tipo de função, que é utilizada com objetivos de motivar, manipular, mudar pensamentos, mudar idéias e convencer pessoas.

Nesse caso, as palavras, mais que as atitudes, têm um poder muito grande, quando usadas para determinados fins (comerciais, políticos ou religiosos).

Nesse contexto é importante a definição de manipulação. **Manipulação** é o uso simultâneo de diferentes funções da linguagem, com o objetivo de motivar, manipular ou enganar o receptor, para obter seu apoio ou adesão.



É importante lembrar

- A Língua exerce importantes funções que estão vinculadas aos elementos da comunicação.
- A Função Emotiva está ligada ao Emissor.
- A Função Conativa está ligada ao Receptor.
- A Função Referencial está ligada ao Contexto.
- A Função Fática está relacionada ao Contato.
- A Função Poética está ligada à Mensagem.
- A Função Metalingüística está ligada ao Código.

5 Língua, Sociedade e Cultura

Como foi visto anteriormente, a Língua está sempre ligada a seus falantes, de tal modo que tudo que diz respeito ao falante pode ser meio de variação e de modificação da língua que ele usa. O meio em que ele vive, sua cultura, seus modos de ser, viver, pensar e agir, vão se refletir diretamente em sua língua.

Desde modo, é importante que estudemos conjuntamente com os estudos lingüístico-gramaticais, a sociedade e a cultura dos usuários dessa língua. Esses aspectos são da maior importância para os professores de Ensino Fundamental e Médio, pois, muitas vezes, os professores não conhecem seus alunos, suas famílias, o meio em que vivem e isto pode ser causa de muitos “traumas lingüísticos” nos alunos, que não se sentem respeitados por não pertencerem a um grupo social de prestígio e de uma cultura não letrada ou alfabetizada.

5.1 Conceitos de Cultura

Neste contexto é importante dizermos de que cultura estamos falando. Para isso, utilizaremos a definição de Baylon (1991) quando diz que “cultura é o conjunto das práticas e dos comportamentos sociais que são inventados e transmitidos dentro do grupo[...]” (p. 47). Segundo ele, ainda, “a língua pode revelar os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade [...]” (p. 50).

- Cultura “é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade” (Holanda, 1986, p.508).
- Cultura, “conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc. que distinguem um grupo social” (Houaiss, 2001, p. 888).

Para Coseriu (1982): “[...] as palavras são formas de cultura que acompanham na sua difusão os conceitos e os objetos da civilização” (p. 111). Diz ele também que a relação entre linguagem e cultura se dá em três sentidos diferentes:

- A linguagem é uma forma primária de cultura, do espírito criador do homem.
- A linguagem reflete a cultura não-lingüística, é a atualidade da cultura, manifesta os saberes, as idéias, as crenças acerca da realidade conhecida, das realidades sociais e da própria linguagem enquanto parte da realidade.
- A linguagem não é só competência lingüística, mas é competência extralingüística, conhecimento do mundo, saberes, idéias e crenças acerca das coisas.

Nesse caso, a língua é adquirida por um processo de transmissão cultural. Essa definição está ligada ao fato de que os grupos têm línguas diferentes porque têm visões de mundo diferentes. A língua reflete a cultura. Cultura vista como “conhecimento socialmente adquirido”

5.2 Conceitos de Sociedade

Já ao se falar de sociedade é bom que se veja de que estamos falando:

- Sociedade: “conjunto de pessoas que vivem em certa faixa de tempo e de espaço, seguindo normas comuns, e que são unidas pelo sentimento de consciência do grupo” (Holanda, 1986, p. 1602).
- Sociedade: “é qualquer grupo mais ou menos identificável no qual as pessoas de uma comunidade podem ser divididas, particularmente quando esses grupos podem ser elencados numa hierarquia do mais alto ao mais baixo. Há vários fatores que podem ser importantes em casos particulares, tais como o status dos pais e ancestrais, etnia, cor da pele, religião, emprego, língua, acento ou dialeto ou dinheiro” (Transk, 1997, p. 201-202).

Um autor que destaca a importância da sociedade na linguagem é Labov (1978), que diz:

É relevante perguntar porque não há nenhuma necessidade para uma nova abordagem da lingüística com uma base social mais ampla. Parece natural o bastante que os dados básicos para qualquer forma de lingüística geral deva ser a língua como é usada pelos falantes nativos na comunicação com outros, na vida do dia-a-dia (p. 184).

Também para Hudson (1984) estudar a língua sem referência à sociedade é por demais pobre e limitante. A função social da língua também é ressaltada por ele:

[...] a língua tem uma função social quer como meio de comunicação como também como meio de identificação de grupos sociais, e também para estudar a fala sem referência à sociedade que a usa é excluir a possibilidade de encontrar explicações para as estruturas que estão sendo usadas (p. 4).

A língua não é só um meio de comunicar informações a respeito de qualquer assunto. É também um meio muito importante de estabelecer e manter relacionamento com outras pessoas. Provavelmente a coisa mais importante a respeito da conversação entre duas pessoas não são as palavras que elas estão usando, mas o fato de elas estarem conversando, dizem alguns especialistas. Esses dois aspectos do comportamento lingüístico são muito importantes do ponto de vista social:

- A função da língua em estabelecer relacionamentos sociais.
- O papel desenvolvido pela língua em transmitir informações sobre o falante.

Como a língua é um fenômeno social estreitamente ligada à estrutura social e sistemas de valores da sociedade, os diferentes dialetos e acentos são avaliados de modos diferentes. Assim alguns dialetos são considerados de maior prestígio, bonitos, agradáveis, puros. Outros, por exemplo, – não-padrão – são considerados errados, feios, corruptos. Porém, lingüisticamente todos são iguais. Esses preconceitos estão ligados à estrutura social, não à estrutura lingüística.

A Língua pode ser um fator muito importante na identificação do grupo, na solidariedade do grupo e assinalar as diferenças pode vir a ser muito importante para aquele grupo. A Língua pode afetar a sociedade influenciando ou mesmo controlando a visão de mundo de seus falantes.



É importante lembrar

- Língua, Sociedade e Cultura estão numa inter-relação permanente, influenciando-se reciprocamente.
- A Língua traz as marcas representativas da Sociedade e da Cultura a que pertencem seus falantes.
- A Sociedade e a Cultura determinam as variações da Linguagem.
- A Língua é o meio mais importante para integrar a Sociedade e a Cultura, preservando e transmitindo, quer oral, quer graficamente, a Cultura dessa Sociedade.

5.3 Variação Lingüística

A língua é sempre vista como uma unidade, um todo indivisível. No entanto, esta unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais, individuais, sociais, econômicas, profissionais, estilísticas – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonético-fonológico, léxico, morfológico, sintático, semântico, entre outros.

Para a sociolingüística **“a heterogeneidade lingüística reflete a variabilidade social e as diferenças, no uso das variantes lingüísticas, correspondem às diversidades dos grupos sociais[...]**” (Dorian, 1994, p. 631-96).

É bom lembrar, contudo, que a língua possui sua parte invariável, que a faz uniforme. São as regras gramaticais categóricas, que não podem ser violadas pelo falante. Segundo Wardhangh, **“são regras que especificam exatamente o que é – e conseqüentemente o que não é – possível na língua”** (Word Hangh, 1992).

• Conceituação de Variante e Variável

Variantes lingüísticas são formas diferentes de se falar a mesma coisa, numa mesma situação. Ao definir variantes e variáveis diz Tarallo (1986):

Variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.

A sociolingüística investiga o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticando as variáveis que contextualizam variantes e descrevendo seu comportamento preditivo. Há, basicamente, dois tipos de variantes:

- **Variantes internas** são os fatores fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais.

- **Variantes externas** agrupam-se nos seguintes fatores:
Inerentes ao indivíduo: sexo, idade, etnia.
Sociogeográficos: região, escolarização, nível de renda, profissão, classe social.
Contextuais: grau de formalidade e tensão discursiva.

A **variável** é o conjunto de variantes, lingüísticas. São formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo. Para se definir bem o conceito de variável lingüística é necessário que duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo, ou seja, dizer o mesmo de formas diferentes.

Pode-se ver um exemplo para distinguir variante e variável, no caso do [s] de plural em português. O [s] é uma variável à qual correspondem duas variantes:

- a) a presença do [s]: *os meninos*
- b) a ausência do [s]: *os menino[O]*

• Condicionamento da Variação Lingüística

Toda descrição particular da vida de um grupo e, conseqüentemente, de suas condições lingüísticas, baseia-se em divisões que variam de acordo com o habitat, os níveis ou registros, as religiões, as profissões, e assim por diante.

- **Habitat:** as condições de emprego das línguas dependem do local onde os falantes nasceram ou vivem. As facilidades ou dificuldades de comunicação marcarão esses falares. Esses modos de falar diferentes não chegam a constituir “dialetos”, são variações superficiais que marcam o falar urbano do rural, de regiões ou sub-regiões diferentes, como o sul e o nordeste, por exemplo.
- **Níveis** ou **Registros:** o uso da linguagem de acordo com o contexto ou situação pode marcar classes, castas, língua culta, popular, linguagem respeitosa, debochada ou vulgar. Os falantes podem conhecer e usar os diferentes níveis ou registros, de acordo com suas conveniências, dependendo dos receptores que tenha, do ambiente onde esteja.
- **Religiões:** a linguagem utilizada em determinadas religiões pode marcar esses grupos, que se diferenciam pelos termos utilizados, pela entonação, pelas frases, e até pela postura. Pode-se diferenciar os evangélicos dos católicos por certas expressões como irmão, amém Jesus ou se Deus quiser, graças a Deus. Mesmo as versões da Bíblia Sagrada, de evangélicos e católicos são diferentes.
- **Profissões:** a linguagem de determinadas profissões pode marcá-las, com vocabulário específico, com significados diferentes para o mesmo significante. São as chamadas **línguas de especialidade**, dos economistas, lingüistas, médicos, prostitutas, soldados e marginais, por exemplo.

- **Etnias:** a etnia dos falantes também marca a linguagem dos grupos étnicos como os indígenas, os afro-brasileiros, os imigrantes de diferentes países e os migrantes de diferentes estados do Brasil. Geralmente essas variações relacionam-se a aspectos fonéticos e léxicos, que são mais sensíveis a variações lingüísticas.

• Variação e Espaço

Além das variações lingüísticas propriamente ditas, chamadas **internas** fonéticas, fonológicas, léxicas, morfossintáticas e semânticas, existem variações, chamadas **externas**, por não dependerem da estrutura da linguagem, mas das estruturas sociais, geográficas, culturais e estilísticas.

As chamadas variações **geográficas** ou **diatópicas** dependem, como vimos no item habitat, da origem geográfica do falante: quer da zona rural, quer da urbana da mesma região, quer em regiões diferentes de um mesmo país, causando os chamados **falares regionais**, e não dialetos, já que essas variações geralmente ocorrem apenas no nível fonético-fonológico ou léxico, dificilmente ocorrendo no nível morfossintático.

É importante, aqui, deixarmos bem claras as diferenças entre **Língua**, **Dialeto** e **Falar**.

- **Língua** é o instrumento de comunicação e expressão de uma determinada comunidade. A língua é constituída de diferentes e quase infinitas variações, históricas, regionais, sociais, estilísticas e situacionais. O princípio da variedade na unidade é o que preside a língua.
- **Dialeto** pode ter muitas definições e características, dependendo da visão mais ampla ou restrita que dele se tenha. Alguns estudiosos dão definições amplas e genéricas, chamando, por exemplo, o “dialeto cearense”, ou o “dialeto dos médicos”, quando, na verdade essas formas de linguagem não podem estritamente ser chamadas de dialetos, mas são falares e veremos as razões dessa diferenciação específica.

Para Ducrot e Todorov (1974): “**dialeto é um falar regional no interior de uma nação onde domina oficialmente um outro falar**” (p. 80).

Dialeto, portanto, de modo amplo, pode ser definido como uma variante regional de determinada língua. Esta definição engloba não só o aspecto espacial, **geográfico** ou **diatópico**, aquele no qual a dialetologia se concentra, mas os aspectos **temporal** ou **diacrônico** e **social** ou **diatrático**, que tratam da relação entre a língua e a sociedade, também visto como dialeto urbano ou socioleto e que é objeto de estudo específico da **Sociolingüística**.

É questão definida pelos especialistas de que no Português do Brasil não temos dialetos, mas falares, isto porque as diferenças

existentes na língua falada por pessoas das mais diferentes regiões do país têm diferenças ou variações de nível léxico e fonético, nunca de estrutura da língua. Um cearense e um gaúcho têm palavras diferentes para dizer menino e guri ou moleque, para falar devagar ou rápido, com entonações diferentes, para abrir ou fechar as vogais, para “chiar” o **t**, o **d** ou o **s**, mas todos se entendem. O que nós temos, na verdade, são falares e não dialetos.

Contudo, a Língua Portuguesa tem seus dialetos, não só dentro de Portugal, mas o do Brasil, de Cabo Verde, de Angola, Moçambique, Macau e de Goa.

Um exemplo das diferenças de dialetos do português de Portugal e do Brasil quanto ao léxico é mostrado numa toalhinha de bandeja de uma lanchonete:

Assim se fala português em Portugal, ora pois!
Aeromoça – Hospedeira
Ônibus – autocarro
Bandaíd – Penso rápido
Telefone Celular – Telemóvel
Peruca – Capachinho
Esmalte – Verniz para unhas
Faxineira – Mulher-a-dias
Meias – Pêugas
Calcinhas – Cuecas
Café da Manhã – Pequeno Almoço
Chicletes – Pastilha plástica
Menu – Ementa
Chapeuzinho Vermelho – Capuchinho Vermelho

- **Falar.** Há autores que fazem distinção entre falar e dialeto, enquanto que para outros é muito difícil estabelecer a distinção entre dialeto e falar. Lindley Cintra (1995) não faz a distinção entre dialeto e falar mas diz que: “**dialeto vem a ser o desvio na estrutura (de carácter morfossintático), e o falar é o desvio superficial (fonético e de vocabulário)**” (p. 37). Há, contudo, uma tendência geral de usar os termos como sinônimos ou parassinônimos.

Assim, temos falares regionais nos exemplos a seguir:

- Pela entonação e pelo fechamento das vogais: **télévisão** – **têlêvisão**; **Récife** – **Rêcife**.
- Pela palatalização ou chiamento do **t**, do **d** e do **s**: **tia** – **tchia**; **dia** – **dgia**; **mais** – **maix**.
- Por palavras diferentes para o mesmo significado: **jerimum**, **abóbora**.

- Pela estruturação diferente das frases: **Eu não vou – Não vou não.**

Preti complementa os tipos de variação dando o nome genérico de variedades aos dialetos, sejam eles geográficos ou sociais. Variedades geográficas (ou diatópicas) são as que ocorrem num plano horizontal da língua, concorrendo nas comunidades lingüísticas, sendo responsáveis pelos chamados **regionalismos**, provenientes de dialetos ou falares locais. Segundo ele esses regionalismos são nivelados entre si pela chamada **linguagem comum**, que seria o ponto de intersecção das variedades regionais.

Para ele, ainda, as variedades geográficas estabelecem, normalmente, a oposição: linguagem urbana x linguagem rural.

A **linguagem urbana** está sempre mais próxima da linguagem comum devido aos fatores socioculturais como a escola, os meios de comunicação e a literatura. A **linguagem rural** sofre menos a influência desses meios permanecendo conservadora e isolada até que os meios socioculturais lá penetrem e a modifiquem (Petri, 1972, p. 17-19).

O texto de José Américo de Almeida nos dá uma boa visão do que seja falar regional, especialmente no que diz respeito ao léxico.

Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai. É um homem que foge do seu destino. Corre do fogo para a lama.

Discorreu neste teor:

– Eu não dava definição de seca. Na era de 45 não me entendia de gente. Já era um tanto grandote; mas – menino é assim mesmo – só guarda lembrança de besteira. Vi o mundo com os morcegos. Era tanto do morcego!

E, indicando Pirunga:

– Em 77, este era pichititinho. E, indagora, parece que está vendo a mãe, lá dele, na hora da retirada.

Reatou:

– Nesse tempo fazia gosto o sertão. Todo o mundo contava vantagem. Acontecia algum repiquete – em 51, 53, 60, 69, 70. Mas fervilhava de gado. Só este seu criado tinha pra mais de 100 vacas de ponta serrada e muito boi erado. Miunça nem se falava. E era um fazendeiro chué. Quando havia morrinha era que se contava algum prejuízo. O sertão, livrando a seca, não tem merma.

Foi quando veio o rebentão de 77. Meu mano foi mais sabido: vendo a coisa preta, torrou tudo nos cobres, até o casco da fazenda. E saiu por esse mundão com toda a rafaméia. Também levou um sumiço!

(ALMEIDA, J. Américo de. A bagaceira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, p. 17).

Variação Sociocultural

As variantes socioculturais podem estar relacionadas aos falantes ou ao contexto ou situação aos dois ao mesmo tempo. As variantes socioculturais podem ser de dois grandes tipos:

Variedades relacionadas aos falantes (ou ao grupo a que pertencem):

- Idade (variações de acordo com a faixa etária: adulto/infantil).
- Sexo (variações da linguagem do homem e da mulher).
- Grau de Escolaridade (variedade culta e popular).
- Profissão (variação de vocabulário em linguagens técnico-profissionais).
- Raça (variações ligadas a aspectos etnográficos: negros, índios, estrangeiros).

Variedades devidas à Situação:

- Nível ou Registro

Vejamos cada uma dessas variações:

Variedades relacionadas aos falantes (ou ao grupo a que pertencem)

- a) **Variação Etária:** as variações de grupos etários diferentes, também chamadas de diageracionais, marcam grupos de faixas etárias, como crianças, jovens, adultos e idosos. Neste tipo de variação temos diferenças fonéticas, léxicas, morfossintáticas e pragmáticas. Segundo Morales (1993): “[...] **cada geração exibe a norma adquirida durante sua adolescência**” (p. 310).

Um bom exemplo da linguagem dos jovens em relação à linguagem dos mais idosos está na toalhinha de bandeja de uma lanchonete:

Comendo & Aprendendo

Fique por dentro de como seus pais se comunicavam com a galera quando eles ainda eram jovens.

Linguagem dos adultos e idosos	Linguagem dos jovens
Está de Namorico	Tá ficando
Bicho	Cara mano
Almofadinha	Mauricinho
Garota Papo-firme	Mina mó gata
Jacu de Bota	Brega
É batata	Pode crer
Quadrado	Careta
É uma brasa	É maneiro, é massa
Morou?	Tá ligado?

b) **Variação de Sexo:** a variação lingüística da fala de homens e mulheres, também chamada de **diassexual**, tem sido motivo de estudos, especialmente nas sociedades onde a diferença de sexo é marcada por traços de autoritarismo e valorização dos homens em detrimento das mulheres. Geralmente se diz que as mulheres são mais conservadoras na fala e que usam mais a forma padrão da linguagem. Por outro lado, os homens são mais inovadores e usam uma linguagem mais rude, com gírias e palavrões.

Segundo Monteiro (2000), a variação de sexo está ligada aos papéis sociais que o homem e a mulher exercem. Diz ele:

Homem e mulher são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social.

A variável sexo está sempre associada às variáveis idade, classe social e ao estilo de fala.

O texto *De certa idade, senhor*, de Fernando Sabino, dá-nos uma amostragem do tipo de linguagem feminina, pelo assunto, pelas expressões, típicas das mulheres.

De certa idade, senhor

Vivia insatisfeita com empregadas, não conseguia descobrir uma que prestasse. Um dia, em meio à conversa de várias amigas com experiência de semelhante situação afirmou:

– A solução é ter empregada já de idade. As que são muito moças em geral só criam problemas: são desleixadas, só pensam em namorar, volta e meia ficam esperando filho, não levam nada a sério. Já uma senhora de certa idade, não: vê-se logo se é pessoa de confiança, a gente sabe com quem está lidando.

Daquele dia em diante pôe-se a procurar uma senhora de certa idade. Afinal encontrou uma que parecia ter sido feita de encomenda: viúva de seus cinquenta anos, cheia de compostura, revelou-se logo uma arrumadeira competente e cozinheira de mão cheia. Estava encantada; era pessoa de respeito, fina, educada, que sabia tratar as pessoas.

(SABINO, F. A companheira de viagem. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 75-77).

- c) **Variação de Grau de Escolaridade:** o nível cultural dos falantes também é fator importante no estudo da variação lingüística. A escolaridade é meio de valorização e prestígio dentro da sociedade. As formas padrão e não-padrão da linguagem estão intimamente ligadas ao nível cultural dos falantes. Para o estudo da variável escolaridade Votre (1992) diz que é necessário definir que aspecto se vai analisar, como, por exemplo:
- a) Forma de prestígio x forma neutra.
 - b) Fenômeno estigmatizado x não estigmatizado.
 - c) Fenômeno estudado na escola x não estudado na escola.
 - d) Nível de discurso x nível da gramática.
 - e) Língua oral x língua escrita.
 - f) Ensino produtivo x descritivo ou normativo (p. 75-79).

Todos esses aspectos podem ser estudados no item variação de nível cultural ou de escolaridade dos informantes. Pessoas de boa escolaridade não só usam melhor a forma padrão, como têm a capacidade de usar, do mesmo modo, os mais diferentes registros e variações da língua, como a diatópica, a diastrática, a diageracional e a diassexual, por exemplo.

- d) **Variação quanto à Profissão:** ocorre, na maioria das vezes, no léxico, com um vocabulário especializado, com termos específicos ou com palavras da linguagem comum, com sentido específico. Outra marca importante na linguagem de algumas profissões é o uso de termos tomados por empréstimo a línguas estrangeiras, especialmente o inglês.

Como exemplo de linguagem profissional, vejamos um texto de Medicina, do Dr. Geraldo de Campos Freire:

A Hiperplasia Prostática Benigna (HPB) ou aumento benigno do volume (tamanho) da próstata é uma entidade urológica que afeta a população de qualquer raça, sobretudo a partir dos 50 anos de idade. A parte interna da glândula (zona periuretral) cresce comprimindo a uretra em seu interior. No Brasil tem sido mais comum nas raças branca e negra do que na amarela. Calcula-se que somente nos Estados Unidos existam pelo menos 29 milhões de homens com mais de 50 anos que sofrem desse tipo de problema.

(FREIRE, G. de C. F. O prazer de viver com a sua próstata. São Paulo: BG Cultural, 1999, p. 11).

Outro exemplo interessante nos dá Carlos Drummond de Andrade ao falar humoristicamente sobre a linguagem dos Lingüistas.

Exorcismo

*Da leitura sintagmática
Da leitura paradigmática do enunciado
Da linguagem fática
Da fatividade e da não fatividade na oração principal
Libera-nos, Domine*

*Da organização categorial da língua
Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos
Da concretez das unidades no estatuto que dialetaliza a língua
Da ortolinguagem
Libera-nos, Domine*

*Do programa epistemológico da obra
Do corte epistemológico e do corte dialógico
Do substrato acústico do culminador
Dos sistemas genitivamente afins
Libera-nos, Domine*

*Da camada imagética
Do espaço heterotópico
Das relações entre topos e macrotopos
Do elemento suprasegmental
Libera-nos, Domine*

*Da semia
Do sema, do semema, do semantema
Do lexema
Do classema, do mesma, do setema
Libera-nos, Domine*

*Da estruturação semêmica
Do idioleto e da pancronia científica
Da confiabilidade dos testes psicolingüísticos
Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais
Libera-nos, Domine*

*Do vocóide
Do vocóide nasal puro ou sem fechamento consonantal
Do vocóide baixo e do semivocóide homorgânico
Do glide vocálico
Libera-nos, Domine*

*Da lingüística frástica e transfrástica
Do signo cinésico, do signo icônico e do signo gestual
Da clitização pronominal obrigatória
Da glossemática
Libera-nos, Domine*

*Da estrutura eixo semântica da linguagem musical
Da totalidade sincrética do emissor
Da lingüística gerativo-transformacional
Do movimento transformacionalista
Libera-nos, Domine*

*Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser
De Zolkiweski, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov
De Greimas, Fodor, Chão, Lacan et caterva
Libera-nos, Domine.*

(ANDRADE, C. D. Exorcismo. *Jornal do Brasil* - Caderno B. Rio de Janeiro: 12 de abril de 1975, p. 5).

- e) **Variação quanto à Raça:** em certas circunstâncias é difícil definir o que é, na realidade, uma variação quanto à raça ou etnia dos falantes. Na maioria das vezes, essa variação ocorre quanto aos aspectos fonéticos e léxicos, uma vez que esses falantes acrescentam à sua linguagem marcas fonéticas do falar de seu povo, de seus descendentes, bem como palavras e expressões próprias desses ancestrais. Mesmo falantes brasileiros de descendência italiana, por exemplo, têm uma entonação, uma acentuação e um ritmo bem típico da língua italiana. O mesmo ocorre, com os japoneses, tão presentes em algumas regiões como São Paulo, ou os afros-descendentes da Bahia. É importante lembrar que este tipo de variação está sempre relacionada com outras variantes como as regionais e as de escolaridade.

Variedades devidas à Situação

- f) **Nível ou Registro:** a variação de nível ou registro, também chamada de diafásica ou diafática está ligada às diferentes situações ou contextos lingüísticos e extralingüísticos que envolvem o ato de fala. Os contextos lingüísticos podem ser fonético-fonológico, léxico, morfosintático ou semântico. Os contextos extralingüísticos são os sociais ou situacionais, formais ou informais, que marcam os níveis ou registros de fala, e que envolvem o emissor,

com todas as suas características, o receptor, também com suas características, o assunto, o tipo de comunicação e as relações entre emissor e receptor.

A variedade social, que se relaciona com o contexto ou situação extralingüística, recebe o nome de **nível** ou **registro**. Este tipo de variante depende:

- Das circunstâncias em que ocorre o ato de fala: registro formal, informal, coloquial, familiar.
- Das relações que unem o falante e o ouvinte no momento do diálogo: familiar, profissional.
- Da intimidade entre os falantes: familiar, entre amigos, entre casais.
- Do tema que está sendo discutido: linguagem e grupos especiais ou temáticos.
- Das condições físicas e psicológicas do falante: estados de espírito: triste, alegre, preocupado.

Segundo Preti (1982):

As variações quanto ao uso da linguagem pelo mesmo falante, em função das variações de situação, podem ser de duas espécies: **nível de fala** ou **registro formal**, empregado em situações de formalidade, com predominância da linguagem culta, comportamento mais tenso, mais refletido, incidência de vocabulário técnico e **nível de fala** ou **registro coloquial**, para situações familiares, diálogos informais, onde ocorre maior intimidade entre os falantes, com predominância de estruturas e vocabulário da linguagem popular, gíria e expressões obscenas ou de natureza afetiva (p. 34-35).

A esse tipo de variação de nível ou registro de fala, alguns autores chamam de variante ou variedade estilística, tendo-se, neste caso, o **estilo formal** e o **estilo informal** ou **coloquial**.

Dos dialetos sociais os que mais facilmente se identificam são o dialeto culto (padrão, de maior prestígio e mais formal) e o popular (sub-padrão, de menor prestígio e mais informal).

Dino Preti (1982) dá alguns dos aspectos distintivos dos dialetos culto e popular, quando à morfossintaxe:

Dialeto Culto	Dialeto Popular
Indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa.	Economia nas marcas de gênero, número e pessoa.
Uso de todas as pessoas gramaticais do verbo, com exceção, talvez da 2ª do plural relegada à linguagem dos discursos e sermões.	Redução de pessoas gramaticais do verbo. Mistura da 2ª pessoa com a 3ª no singular. Uso intenso da expressão <i>a gente</i> , em lugar de <i>eu</i> e <i>nós</i> .
Emprego de todos os modos e tempos verbais.	Redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas, como, por exemplo, a perda quase total do futuro do presente e do pretérito, do mais que perfeito, no indicativo; do presente do subjuntivo; do infinitivo pessoal.
Correlação verbal entre tempos e modos.	Falta de correlação verbal entre os tempos.
Maior utilização da passiva.	Redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e de coordenação.
Largo emprego de preposições nas regências.	Maior emprego da voz ativa, em lugar da passiva.
Organização gramatical cuidada da frase.	Predomínio das regências diretas nos verbos.
Variedade de construções de frases.	Simplificação gramatical da frase, emprego de “bordões” do tipo “então”, “ai”.
Coordenação e subordinação; riqueza de construção sintática.	Emprego dos pronomes pessoais retos como objetos.

Diz ele, ainda, que o **dialeto social culto**, em razão dessas características, prende-se mais às regras gramaticais, normativas, veiculadas pela escola, aos exemplos da língua escrita, literária, muito mais conservadora, ao passo que o dialeto social popular é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo.

O **dialeto social não-padrão**, também chamado de **linguagem popular** tem características mais de língua falada, não segue as regras gramaticais à risca, é a linguagem coloquial, familiar, informal, de pessoas escolarizadas ou de pessoas não escolarizadas.

Bem significativo e esclarecedor é o quadro apresentado por Bagno (2001), com as diferenças entre Português Não-Padrão e Português Padrão.

Português Não-Padrão	Português Padrão
Natural	Artificial
Transmitido	Adquirido
Apreendido	Apreendido
Funcional	Redundante
Inovador	Conservador
Tradição oral	Tradição escrita
Estigmatização	Prestigiado
Marginal	Oficial
Tendências livres	Tendências refreadas
Falado pelas classes dominadas	Falado pelas classes dominantes



É importante lembrar

- Variantes lingüísticas são formas diferentes de se falar a mesma coisa, numa mesma situação.
- Variável lingüística é um conjunto de variantes.
- A Língua pode variar quanto ao lugar de nascimento, à idade, ao sexo, à escolaridade, à profissão, ou ao grupo sociocultural a que pertencem os seus falantes.
- A variação geográfica ou regional é chamada, também de diatópica.
- A variação sociocultural é, também chamada de diastrática.
- A variação de nível ou registro é chamada de diafática ou diafásica.

O texto de Machado de Assis é um bom exemplo de linguagem culta, ou de norma culta ou padrão.

18 de setembro

Venho da gente Aguiar, e não me quero ir deitar sem escrever primeiro o que lá se passou. Cheguei cedo, estavam sós os dois velhos e receberam-me familiarmente.

– Venha o terceiro velho, disse Aguiar, venha fazer companhia aos dois que aqui ficaram abandonados.

Esta palavra, que podia ser de queixa, foi dita rindo, e percebi pelo tom que era alegre. Foi-me dita quase à porta da sala, onde ele foi ter comigo, ficando ela em uma das duas cadeiras de balanço, unidas e trocadas, em forma de conversadeira, onde costumavam passar as horas solitárias. Respondi que trazia a minha velhice para somar às duas e formar com elas uma só e verde mocidade, das que já não há na terra. Sobre este tema gasto e vulgar disseram também algo de riso, e tais foram os primeiros minutos.

- Talvez não nos encontrasse, se eu não estivesse doente de um joelho, disse D. Carmo.
- Doente?

Dói-me um pouco este joelho, e o lugar é melindroso para andar. Tristão foi sozinho à casa do desembargador, aonde vão hoje alguns amigos do foro. Aguiar também queria ir, mas Tristão disse-lhe que era melhor ficar, ele se incumbiria de dar todas as desculpas, e foi sozinho.

– Quis que eu ficasse fazendo companhia à madrinha, explicou Aguiar. Se eu teimo em ir ele era capaz de ficar para a não deixar sozinha.

(ASSIS, Machado. Memorial de Aires. São Paulo: Ática. 1976, p. 73-74).

Um bom exemplo de linguagem popular, no registro de língua não-padrão, é o conto popular abaixo.

A onça e a raposa

Era uma vez uma onça que ia passano com um saco de carne nas costa. Ela viu a raposa que tava ali solta. A onça disse:

– Camarada raposa, quer ir morar comigo? Olhe o saco de carne que eu levo aqui!

A raposa respondeu:

– Eu vou comadre!

Sáíram de cabeça a fora. Andaram, andaram, andaram. Chegaram num pé de cuité.

A onça falou:

– Olhe camarada raposa, quando eu chegar lá na minha morada, você volta e tira essas cuité aqui, pra nós levar pra comer com a carne.

– Tá certo, comadre raposa, vamo simbora.

(MORAIS, Severino J. de, A onça e a raposa. In: ARAGÃO, M. S. S. de. et. al. O conto popular na Paraíba: um estudo lingüístico-gramatical. João Pessoa: UFPB, 1972, p. 34-37)

5.4 Normas e Usos

O conceito de **norma**, geralmente, confunde-se com o de **regra**, porém ambos têm direções semânticas divergentes. Pode-se vê-las com a idéia precípua de imposição, ou com a idéia de frequência, de hábitos majoritários.

A norma como regra é o discurso da autoridade, fixada por uma instituição – o Estado – com o objetivo de criar uma língua homogênea a ser falada por um falante ideal, língua-padrão, uniforme, polida, livre de todas as “impurezas” como: regionalismos, inovações léxicas, sintáticas ou fonéticas.

A **norma lingüística** é um aspecto do conjunto complexo das normas sociais. Ela funciona numa sociedade como um regulador de comportamento coletivo. A norma é vista geralmente como um **modelo a imitar**. É a norma prescritiva de um registro de prescrições escritas, impostas oficialmente, um registro onde a utilização da língua é controlada e dirigida do exterior.

Segundo Preti (1982): “**a norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua**” (p. 48). Para Lewandowski (1986) a norma lingüística é:

O uso geral de meios lingüísticos, o conjunto de regras, regulamentações, prescrições, modelos supra-individuais que organizam de forma obrigatoria o uso lingüístico individual (p. 243).

Sabe-se, porém que não há apenas uma norma, mas normas, dependendo que linha teórica se esteja seguindo. Em alguns casos ela é tomada como uso estatisticamente comprovado, como na visão de Coseriu. Noutras, é vista como prescrição.

No ensino de língua, contudo, a norma que é ensinada e deve ser aprendida é a norma prescritiva, normativa, ou **norma culta**, também chamada de **norma padrão** ou **dialeto padrão**, que é, também, uma das variantes socioculturais.

A norma culta é considerada o nível mais formal de fala. Ela é:

- A ensinada na escola.
- A linguagem que segue as normas gramaticais.
- A linguagem dos textos escritos por autores consagrados.
- A usada pelos poderes constituídos em leis e documentos.
- A que dá prestígio e status social.

Ao discutir o problema da norma, Bagno (2000) propõe que não se use mais a denominação de norma culta, face às conotações ideológicas que o nome traz e propõe os termos variedades cultas. No seu dizer:

Diante desse uso ambíguo e carregado de fortes conotações ideológicas, tenho sugerido que se abandone, na pesquisa científica, o uso de norma culta para que, com base na noção de falante culto, se passe a tratar de **variedades cultas**, sempre no plural, tendo em conta o uso já amplamente consagrado do termo variedade na literatura sociolingüística (p. 148).

As Instituições da Norma

- **O Poder da Escola:** a escola é a responsável pela manutenção dessa visão homogênea da língua, pela imposição da gramática rígida, com um ensino da leitura e da escrita que não permite uma linguagem espontânea dos alunos.
- **O Poder da Escrita:** a modalidade escrita da língua é outra forma através da qual se tenta uniformizar a língua. Esta visão, contudo, não é verdadeira uma vez que podemos ter, tanto na língua falada como na língua escrita, níveis de rigidez ou de não-rigidez da norma. Linguisticamente não se pode fazer essa oposição. Não há uma hierarquia entre falar e escrever. São dois domínios que funcionam diferentemente. Porém a língua escrita serve para a fixação e para a transmissão da norma culta, como também a escola como um todo. Não se deve levar essa discussão para os aspectos de prestígio ou desprestígio. A norma culta ensina um saber paralelo que instaura uma distinção entre os que manipulam esse saber e os outros, aqueles que não o manipulam. Não se pode ignorar nem a norma nem o jogo social para sua utilização.
- **O Poder dos Meios de Comunicação de Massa:** esses meios de comunicação geralmente estão a serviço das classes dominantes, criando condicionamentos lingüísticos, positivos ou negativos, impondo formas de falar dessas classes para as demais. Quanto ao uso, vários são os seus conceitos, como o de Cristal (1994):

Uso são os hábitos coletivos de fala e escrita de uma comunidade. A noção é vista na perspectiva das preferências individuais por alternativas de formas lingüísticas. O uso de uma pessoa será sempre diferente do de outra, em determinados aspectos (p. 406-407).

O termo uso está sempre ligado à corrente **descritivista**, que descreve os fatos da linguagem do modo como são produzidos.

Valorização e Estigmatização

Segundo Charmeux (1989): “**o modo de falar é um fator mais revelador da classe social dos interlocutores do que as vestimentas ou as aparências de modo de vida**”. O modo como falamos, assim, pode ser uma marca de valorização ou estigmatização social.

Essa fala determinará a atitude do receptor – a atenção que dispensa ao outro, sua capacidade de situá-lo socialmente – e do locutor – a natureza e a forma do discurso que produz e que suscita a representação do outro.

Boyer (1991) chama de **mercado lingüístico** a interação entre os emissores e receptores. Diz ele que:

O mercado lingüístico é um espaço social heterogêneo, um lugar de censura e às vezes de autocensura, de avaliação mais ou menos explícitas ou difusas que vão do mais alto nível, valorizado, ao mais baixo, desacreditado e estigmatizado (p. 29).

A variedade lingüística própria de um grupo dominante se impõe como marca de prestígio e determina a atitude dos falantes do grupo dominado face à sua própria variedade.

A norma é vista geralmente como um **modelo a imitar**. É a norma prescritiva de um registro de prescrições escritas, impostas oficialmente, um registro onde a utilização da língua é controlada e dirigida do exterior.

Os Tipos de Norma

Devemos distinguir diferentes tipos de normas, pois não há **uma** norma, mas **muitas** normas.

a) Norma Ligada à Situação de Discurso

- **Norma relativa ou situacional**: dependendo da situação e funcionamento naquele momento.
- **Norma absoluta**: totalmente independente das variáveis dos elementos da situação, cujo objetivo primeiro e imediato é assegurar a intercompreensão a mais perfeita possível.

b) Norma Ligada ao Número de Locutores

- **Norma individual**: que depende apenas do próprio falante.
- **Norma Social**: coletiva, comum. Depende dos diferentes falantes do grupo social.

c) Norma por Ligação à Validade

- **Norma prescritiva**: ideal, padrão.
- **Norma estatística ou norma de uso**: que depende da alta frequência e da distribuição regular entre os falantes.

d) Norma por Escolha do Falante

O falante, de acordo com suas necessidades, define-se por um **“hábito”** lingüístico, uma capacidade de fala, ao mesmo tempo lingüística e social. Ele aprende a falar numa sociedade que tem suas próprias regras, em situações diferentes com diferentes pessoas, ou seja:

[...] toda ação da linguagem se produz no interior de uma economia sociolingüística, que compreende os indivíduos necessariamente caracterizados por um certo número de fatores que se conjugam de diversos modos: origem social e geográfica, idade, sexo, grau de

escolarização, profissão, nível de vida, contexto sociocultural. Um mesmo indivíduo pode estar em diferentes categorias, segundo o ou os fatores tomados como critério[...] (Boyer, 1991, p. 26).

Ferguson (apud Preti) dá as diferentes funções dos dialetos culto e popular:

Função	Dialeto culto	Dialeto popular
Aula universitária, conferências, sermões		
Conversa entre amigos ou em família		
Discursos políticos		
Programas culturais e noticiários na TV ou rádio		
Programas de auditório		
Novelas de rádio e televisão		
Comunicações científicas		
Conversas e entrevistas com intelectuais a propósito de temas científicos e artísticos		
Irradiação de futebol e outros esportes		
Expressão de estados emocionais, confissões, anedotas, etc.		

Identidade lingüística e identidade social são, portanto, indissoluvelmente ligadas.

6 Lingüística e Ensino de Línguas

6.1 Lingüística Aplicada: Conceituação e Características

Vistos os conceitos básicos, os métodos, objetivos e relacionamentos da Lingüística pode-se, a partir de agora, ver como esses princípios lingüísticos podem ajudar no ensino-aprendizagem de línguas e especialmente da Língua Portuguesa.

A Lingüística Aplicada surge, neste contexto, como a relação da Lingüística com a Pedagogia e o Ensino de Línguas. Os estudiosos da Lingüística Aplicada discutem sobre os princípios, métodos e objetivos dessa área de estudo, mas todos são unânimes de que ela é uma área interdisciplinar, por se valer de outras diferentes ciências ou ramos da lingüística, como a sociolingüística, a etnolingüística, a psicolingüística, por exemplo, para dar conta dos problemas que tenta resolver.

Ao tratar do caso da Lingüística Aplicada como interdisciplinar diz Moita Lopes (1996):

[...] a LA é entendida aqui como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista (p. 22-23).

No contexto de uma aplicação dos princípios, métodos e técnicas da Lingüística, ao ensino-aprendizagem de língua materna, neste caso, da Língua Portuguesa, é importante a afirmação de Cunha e Votre (1998), quando dizem:

A contribuição que a lingüística pode dar ao ensino de línguas é na formação do professor responsável pelas aulas, fornecendo o conhecimento lingüístico que fundamentará suas explicações, orientará a preparação de seus programas de ensino e de seus materiais pedagógicos. É assim que a lingüística pode apoiar o ensino de língua (p. 56-57).

Ao falar sobre a contribuição da lingüística ao ensino da língua materna, dizem Possenti e Ilari (1987):

Uma das contribuições da lingüística mais importantes para o professor de língua materna é a de ter mostrado que o termo “gramática” não tem definição única, podendo referir-se a várias realidades (p. 11).

A seguir os autores distinguem três tipos de gramáticas que devem ser conhecidas pelos professores de língua materna:

- Conjunto de regras a serem seguidas para que se possa falar e escrever corretamente. É a gramática normativa que trabalha com a língua ou norma padrão.
- Conjunto de regras que são seguidas. É a “gramática” dos lingüistas, que descreve as línguas como são faladas.
- Conjunto de regras internalizadas. O falante já consegue usar a língua utilizando automaticamente as regras adquiridas.

Deste modo, usar os princípios e as análises que a lingüística, a sociolingüística, a etnolingüística e a psicolingüística oferecem, é, sem dúvida um dos principais meios de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, não apenas a falada como a escrita, em todos os seus aspectos e variações.

6.2 Objetivo do Ensino de Língua Materna

O chamado fracasso do ensino do Português nas escolas do ensino Fundamental e Médio, em nosso país, vem sendo estudado e discutido há muito tempo, sem, contudo, chegar-se a um denominador comum das causas dessas dificuldades encontradas pelos alunos em falar e escrever sua própria língua materna.

Parte-se, nessas análises, de pressupostos e ideologias diferentes e, talvez por isso mesmo, não haja, até agora, quem se atreva a dizer, com segurança, por que os alunos têm tantas dificuldades na aprendizagem da língua materna, em nosso país.

Parte-se, por exemplo, da **ideologia do dom**, segundo a qual as causas do sucesso ou do fracasso dos alunos não se explicariam pelas falhas da escola, mas dependeriam das características de cada indivíduo, de sua aptidão, inteligência e talento. Outra ideologia é a chamada **ideologia da deficiência cultural** que culpa as desigualdades sociais pelo bom ou mau rendimento do aluno na escola. Neste caso, a **“deficiência é cultural”**, a **“carência é cultural”**, a **“privação é cultural”** e os alunos das classes menos cultas, com déficits socioculturais, não teriam condições de, por exemplo, aprender a norma padrão. Por fim, há a **ideologia das diferenças culturais**, que tenta mostrar que não há uma cultura superior às outras.

O que há são culturas diferentes. Contudo, um determinado grupo, que detém o poder e a dominação social, impõe sua cultura aos demais grupos e a escola incorpora esses padrões, marginalizando os que são diferentes por terem uma outra cultura.

Uma das soluções discutidas por Soares (1992) é a do bidialetalismo para a transformação, em que a escola levará em conta, não apenas, o dialeto padrão, mas o não-padrão, trazido para a escola pelas crianças de classes menos favorecidas. A autora propõe, a partir das discussões das diferentes teorias, uma Escola Transformadora, em que as diferenças sócio-lingüístico-culturais dos alunos serão levadas em consideração.

Diz ela:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhe permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social (p. 73).

Nossas reflexões sobre o assunto baseiam-se, também, em algumas dessas teorias, mas, nosso enfoque é o do multidialetalismo – para nós multidialetalismo é o uso de diferentes variações, ou dialetos – que deve existir na sala de aula. Como se sabe, o aluno é um caldeirão de “dialetos”, no sentido amplo que se dê ao termo dialeto, envolvendo, nessa mistura, os dialetos regionais, diatópicos, os sociais, diastráticos, nesses, os diageracionais, diagenéricos ou diassexuais e estilísticos ou diafásicos.

Com toda essa variação que constitui a fala dos alunos, como, por exemplo, a escola privilegiar apenas a linguagem de uma região, um dos registros – o culto ou padrão, no seu aspecto mais formal, ou a linguagem dos adultos?

Concordamos com Hudson (1980) quando fala das desigualdades lingüísticas que podem ser vistas como causa e consequência da desigualdade social, já que a língua ajuda a perpetuar essas desigualdades. Vejamos como ele trata do assunto:

A desigualdade lingüística pode ser vista não apenas como uma *causa* (naturalmente, ao lado de muitos outros fatores) da desigualdade social, mas também como uma *consequência*, porque a língua é um dos mais importantes fatores mediante os quais a desigualdade se perpetua de geração a geração (p. 193).

Muitas são as causas, e os consequentes resultados, para os problemas do ensino da língua materna de modo geral e da língua portuguesa, no caso em estudo. Estudiosos do assunto apontam muitas causas: a escola, o professor, o método, o aluno, o material, a sociedade. Cada uma dessas causas seria a responsável maior pelo problema? Ou há uma conjugação de causas que culminariam com a chamada “decaência do ensino de língua materna?”.

Alguns especialistas na área apontam como causas importantes das dificuldades dos alunos na aprendizagem da língua-padrão, o preconceito dos professores e o preconceito dos próprios alunos.

Bernstein (1971) e Dittmar (1976) mostram que as crianças de classe baixa podem ser julgadas desfavoravelmente em testes de inteligência por não serem capazes de perceber certas diferenças do uso da língua. Mesmo os testes de habilidades, usados na área educacional, põem muita ênfase na linguagem.

As crianças parecem aprender melhor e mais facilmente, além de prestarem mais atenção quando as informações são dadas em seu dialeto do que em outro. Assim as crianças que usam o mesmo dialeto do professor podem aprender melhor. As crianças acreditam mais na opinião e ensinamentos de pessoas que falam seu dialeto.

Diz Hudson (1980) que:

Não se sabe muito bem como minimizar este problema, mas é difícil ver como qualquer coisa pode ser alcançada a não ser que os professores tenham um claro entendimento da natureza do preconceito lingüístico e sejam sensíveis a seus próprios preconceitos bem como aos de seus alunos (p. 214).

E complementa:

O problema para a escola parece ser: 1. Como os professores podem aprender a ver a linguagem da criança de forma mais séria, em ter-

mos qualitativos e quantitativos; 2. Se realmente é necessário ensinar na escola a língua-padrão e 3. Como se pode explorar a linguagem trazida pelo aluno como base para a aprendizagem sem parecer rejeitar sua cultura própria (idem, p. 219).

Já Soares (1992) afirma que:

O conflito entre a linguagem de uma escola fundamentalmente a serviço das classes privilegiadas, cujos padrões lingüísticos usa, e quer ver usados, e a linguagem das camadas populares, que essa escola censura e estigmatiza, é uma das principais causas do fracasso dos alunos pertencentes a essas camadas, na aquisição do saber escolar (p. 6).

Todos os aspectos até aqui levantados levam-nos a observar que o ensino da língua portuguesa em nosso país vem sofrendo dos mesmos problemas apontados pelos teóricos que trabalharam com o ensino de língua materna em outros países. Assim, podemos do mesmo modo, dizer que a escola fundamental e a do ensino médio em nosso país levam em conta a ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural e muito pouco da ideologia da diferença cultural. Usa, também, os pressupostos teóricos do código restrito, do déficit lingüístico e muito menos a idéia da diferença e não da deficiência lingüística.

Por outro lado, os professores não estão alertados para a aceitação das variedades lingüísticas que o aluno conhece e utiliza, por estarem ligadas à sua realidade regional, social e contextual, razões por que o preconceito lingüístico aparece e tem-se reforçado nas escolas, levando os alunos a também se sentirem diminuídos pessoal e socialmente por conta de sua linguagem.

Quais seriam as soluções? Já há, pelo menos nas Universidades, uma consciência de que a variação lingüística deve ser prestigiada na sala de aula e que o chamado dialeto não-padrão tem que ser valorizado no mesmo pé de igualdade com o dialeto-padrão. Mas, nesse caso, teríamos apenas um bidialetalismo na sala de aula.

O que estamos propondo é que não haja somente um bidialetalismo, mas um multidialetalismo na sala de aula, em que sejam aceitas e valorizadas as variantes regionais (diatópicas), as variantes sociais (diastráticas), etárias (diageracionais), de sexo (diagenéricas) e de estilo (diafásicas), uma vez que o aluno é oriundo de uma determinada região, pertence a uma classe sócio-econômico-cultural específica, é criança, adolescente ou adulto; é homem ou mulher; e usa a língua em contextos extra-lingüísticos os mais variados possíveis.

Falando sobre o problema da variação dialetal que o aluno traz para a escola, Lemle (1978) afirma:

Saber mudar de um dialeto para o outro segundo a ocasião o exija, essa é a meta do educando. O papel do professor é o de tomar consciência das regras tácitas do jogo, e transmiti-las ao educando (p. 62).

De tudo que se viu até agora se pode concluir que, antes de se mudar o ensino de língua em nossas escolas é necessário mudar a estrutura social vigente em nosso país, com disparidades sócio-econômico-culturais que, com o decorrer do tempo têm aumentado o fosso que separa as classes menos favorecidas e, por conseqüência, menos escolarizadas, daquelas de alto poder econômico e de maior escolaridade.

Muito oportuna é a afirmação de Bittencourt (2003) quando diz que “[...] a escola não consegue produzir sozinha a igualdade quando a sociedade é desigual” (p. 10).

Mudar mentalidades, abrir novos horizontes, saber respeitar a diversidade cultural e lingüística dos alunos é tarefa lenta e demorada, mas que precisa ser iniciada e implantada definitivamente no ensino fundamental e médio de nossas escolas, quer públicas, quer privadas, e a universidade tem papel fundamental nessas mudanças, preparando administradores, professores, alunos e principalmente a sociedade para essa nova visão de Escola Transformadora, como muito bem disse Magda Soares.

Um dos pontos básicos do ensino de língua materna é o que se deve ensinar e como se deve ensinar. O que e o como estão relacionados aos objetivos e aos métodos de ensino da língua.

Ao tratar das finalidades ou objetivos do ensino de língua materna Halliday et al. (1974) fazem uma listagem de quatro finalidades, sendo duas delas de aplicação. São eles:

- **Educacional:** todos os falantes devem saber como sua própria língua funciona.
- **Pragmático:** todos os falantes devem saber usar sua própria língua.

Cujas aplicações são:

- Estar preparado para aprender uma segunda língua.
- Ter condições de apreciar a literatura nacional.

Vê-se, assim, que ensinar-aprender a língua materna não se limita ao ensino da Gramática, com a determinação do que é certo ou errado, mas dominar as estruturas da língua, sabendo usá-la de modo eficiente e eficaz em todas as situações e contextos possíveis.



É importante lembrar

- Ao lado do dialeto ou registro padrão da língua, a escola deve aceitar, também as variantes socioculturais, etárias, de sexo, de região, que o aluno traz de sua família e de seu meio social.
- A escola deve ter um ensino de língua que seja multidialetal, envolvendo as formas de falar de seus alunos, sua região, sua cultura e seu meio social.
- O professor deve estar atento para não valorizar, apenas, a variante-padrão que quer que o aluno aprenda.
- O professor não pode deixar que os alunos de classe sociocultural mais baixa sejam menosprezados ou sofram qualquer tipo de preconceito em sala de aula.

6.3 Tipos de Ensino de Língua

Tendo em vista os pontos de vista da lingüística e da sociolingüística, como deve o professor realizar seu ensino? O que ensinar? Como ensinar? Diferentes autores tratam dos tipos de ensino de língua materna, entre eles citamos Halliday et. al. (1974) que distinguem três tipos de ensino de línguas:

- **Ensino Prescritivo:** leva o aluno a substituir seus padrões lingüísticos, adquiridos na família e na comunidade à qual pertence. A noção de certo e errado é muito forte além de que o preconceito lingüístico contra esses padrões trazidos para a escola, pelo aluno, pode, muitas vezes, criar um “trauma lingüístico” no aluno, que se sente humilhado, diminuído e às vezes ridicularizado por sua linguagem, regional ou popular, por exemplo.
- **Ensino Descritivo:** esta modalidade de ensino leva o aluno a descrever e a usar sua própria língua, como ela é usada, em que circunstâncias e em que contextos e as funções que ela exerce em sua comunidade. Segundo Halliday et. al. (1974), neste estágio é preciso: “[...]mostrar à criança como a língua funciona, mediante a exposição, ordenação e os acréscimos relativos ao seu uso da língua materna” (p. 268). Ele mostra, porém, que para atingir esse objetivo é preciso passar por diferentes estágios de estudos e pesquisas até chegar à sala de aula, através de livros e materiais didáticos.
- **Ensino Produtivo:** este tipo de ensino procura ampliar o campo de atuação e de uso da língua pelo aluno. Aqui ele não vai “corrigir” seu padrão lingüístico nem apenas repetir a descrição da língua. Nesta fase ele vai aprender a usar as diferentes variações da língua de modo mais determinado, com uma visão bem mais definida de como usar a língua para atingir os objetivos a que se propõe, nos mais diferentes contextos socioculturais em que esteja inserido.



Glossário

Arbitrariedade: é o princípio que mostra que não há qualquer relação entre o signo e a realidade.

Bidialealismo: capacidade de uso de dois dialetos de uma mesma língua por um indivíduo ou por uma comunidade.

Cultura: é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.

Diafásica: é a variação de estilo, de nível ou registro de língua.

Diafática: o mesmo que variação diafásica.

Diagenética: variação lingüística quanto à faixa etária.

Dialeto: é a variante regional de uma língua.

Dialetologia: é a ciência lingüística que estuda as variações regionais de uma língua.

Diassexual: variação lingüística quanto ao sexo.

Diastrática: variação lingüística quanto a aspectos sociais do falante.

Diatópica: variação lingüística quanto à região de nascimento do falante.

Etnolingüística: é a ciência lingüística que estuda as relações entre língua e cultura.

Fala: é a realização concreta da língua.

Falar: é a variação dialetal do ponto de vista fonético e léxico. É mais superficial que o dialeto.

Ícone: é um signo que produz ou imita, muito proximamente, o objeto representado.

Imotivação: o mesmo que arbitrariedade.

Índices: são sinais involuntários ou não intencionais que nos permitem perceber ou descobrir um dado qualquer sobre as pessoas ou a natureza.

Linearidade do Signo: o signo é linear, sucessivo, nunca concomitante ou simultâneo e nem pode coexistir com outro.

Língua: é a manifestação da linguagem num grupo social determinado.

Linguagem: é a capacidade que o homem tem de se comunicar e de interagir por meio de um sistema de signos verbais e não-verbais.

Lingüística: é o estudo científico da linguagem humana.

Motivação: é o princípio pelo qual haveria uma relação entre o signo e a realidade ou a “coisa” por ele representada. Segundo Saussure, apenas as onomatopéias são signos motivados.

Norma: é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua.

Psicolingüística: é a ciência lingüística que estuda as relações entre a linguagem e a psicologia.

Significado: conceito, valor, conteúdo do signo.

Significante: imagem acústica, expressão do signo lingüístico.

Signo Lingüístico: é uma entidade psíquica, um todo composto de dois aspectos diferentes, mas indissociáveis: o Significado e o Significante. É também arbitrário e imotivado.

Signo: é a representação de uma coisa por outra.

Símbolo: é o signo cujo significado é convencionado entre falantes de uma mesma língua.

Sociedade: grupo de pessoas que tem objetivos e interesses comuns ou semelhantes.

Sociolingüística: é a ciência lingüística que estuda as relações entre língua e sociedade.

Uso: uso são os hábitos coletivos de fala e escrita de uma comunidade.

Variantes lingüísticas: são formas diferentes de se falar a mesma coisa, numa mesma situação.

Variável lingüística: é o conjunto de variantes de uma língua.



Atividades

1. Marque **V** para verdadeiro e **F** para falso, nas seguintes afirmações:
 - () A lingüística não se preocupa com as normas gramaticais, admite que o falante fale errado.
 - () A Lingüística é o estudo científico da linguagem.
 - () Gramática e Lingüística são coisas diferentes e não têm nada em comum.
 - () Lingüística e Gramática são interdependentes: uma é científica, a outra é prescritiva.

2. Identifique abaixo, os tipos de signo: Índice, Ícone, Símbolo, Signo:

✚ _____
 ↑ _____
 (_____

Menina _____

3. Identifique, nos textos abaixo, as funções da linguagem predominantes em cada um deles:

Irene Preta
 Irene boa
 Irene sempre de bom humor

Imagine Irene entrando no céu:
 – Licença, meu branco!
 E São Pedro Bonachão:
 – Entra Irene. Você não precisa pedir licença.

Função: _____

Recife, Ponte Buarque de Macedo
 Eu, indo em direção à casa do Agra
 Assombrado com a minha sombra magra
 Pensava no Destino, e tinha medo!
 Função: _____

Comércio amplia horário para garantir os presentes dos pais.
 Função: _____

Fonética é o estudo dos sons da fala.
 Função: _____

Oi! Tudo bem? Como tá indo?
 Função: _____

Só Omo lava mais branco.
 Função: _____

4. Encontre, no quadro abaixo, as palavras: cultura, sociedade, variação, variante, grupo social, heterogeneidade, registro, comunicação, informação, linguagem:

CULTURABITUVAVINETUWMANRBTBCIBTGOUM
 MAFITYWNSDSOCIEDADEPQOWIEURLINGUAGEM
 MANZBSVDFUGHJUREGISTROÇOJYVARIAÇÃOONYT
 GRUPOSOCIALTNRJFICONETGJADOVARIANTEMNI
 INGORTMAFEINFORMAÇÃOHETEROGENEIDADEMI
 COMUNICAÇÃOINFTUGENFTUBASTRATURESMAN

5. Combine as duas listas com os tipos de variação:

- | | |
|--|----------------------------------|
| a) Variação quanto ao sexo | () Diageracional |
| b) Variação quanto à região | () Diatópica |
| c) Variação quanto à escolaridade | () Diassexual |
| d) Variação quanto à faixa etária | () Dialeto-Padrão
não-padrão |
| e) Variação quanto ao nível de formalidade | () Diafásica |

6. Os tipos de ensino propostos pelos estudiosos levam em consideração o aluno, o professor, o material e os métodos. Diga, em poucas palavras as características de cada tipo de ensino:

a) Ensino Prescritivo: _____

b) Ensino Descritivo: _____

c) Ensino Produtivo: _____



Leitura Orientada

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969. O autor propõe as bases para um estudo científico da linguagem humana. Conceitos como signo lingüístico, arbitrariedade, motivação e imotivação do signo. As oposições língua x fala, sincronia x diacronia, significado x significante, relações paradigmática x relações sintagmáticas. O livro é importante para o conhecimento dos princípios métodos e técnicas da Lingüística.

MONTEIRO, J. L. **Para entender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000. O autor faz uma leitura fundamental dos princípios e métodos da sociolingüística, ciência proposta por William Labov. Mostra os diferentes tipos de variação lingüística.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986. A autora mostra como a escola pode utilizar os princípios da sociolingüística na sala de aula. Mostra os diferentes princípios que regem o ensino-aprendizagem da língua, propondo que se use o princípio de diferença dialetal, que não deve ser vista como deficiência do aluno, e que se tenha na sala de aula um ensino que leve em conta o bidialetismo, ou seja, respeite-se o dialeto do aluno e ensine-se a ele o dialeto padrão.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**. Problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1991. O autor mostra as relações entre linguagem e comunicação, as funções da linguagem, as diferenças entre a língua e fala, as diferenças entre a língua escrita e a falada. Todos os conceitos vêm bem exemplificados, com sugestões de exercícios.

Bibliografia Consultada

- ALMEIDA, J. Américo de. **A bagaceira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- ANJOS, Augusto dos. **Eu**. João Pessoa: UFPB, 2003.
- BAGNO, M. **Dramática da lingual portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **A língua de Eulália**: Novela sociolingüística. São Paulo: Contexto, 2001.
- BAYLON, C. **Sociolinguistique**: société, langue et discours. Paris: Nathan, 1991.
- BERNSTEIN, B. **Class, code and control**. V. I. Theoretical studies towards a sociology of language. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.
- BERRUTO, G. **La sociolingüística**. México: Editorial Nueva Imagen, 1976.
- BITTENCOURT, Agueda B. In: Como será a educação da próxima geração. Folha [Sinapse]. **Folha de São Paulo**, 26 de julho de 2003.
- BOYER, H. **Eléments de sociolinguistique**. Paris : Dunod, 1991.
- BRAGA, Rubem. Galeria Cruzeiro. In: MORAES, L.M. **Conheça o escritor Rubem Braga**. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- CASTILHO, Ataliba T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CINTRA, L.F. apud RECTOR, M. **A linguagem da juventude**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COSERIU, E. **O homem e a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1982.
- CRISTAL, D. **Dictionary of language and languages**. London: Penguin Books, 1994.
- CUNHA, M. Angélica F.; VOTRE, S. A lingüística funcional no contexto da lingüística aplicada. In: PASSEGGI, L. (org.) **Abordagens em lingüística aplicada**. Natal: EDUFRN, 1998.
- DITTMAR, B. **Sociolinguistics**: a critical survey of theory and application. London: Arnold, 1976.
- DORIAN, N. Varieties of variation in a very small place: social homogeneity, prestige normas, and linguistic variation. In: **Language** – Journal of Linguistic Society of America. Baltimore, 70(4): 1994.
- DUCROT, O. ; TODOROV, S. T. **Dicionário das ciências da linguagem**. Lisboa: Dom Quixote, 1974,
- ECO, Humberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática, 1985.
- ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FISHMAN, J. **The sociology of language**. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1972.
- FREIRE, G. de C.F. **O prazer de viver com a sua próstata**. São Paulo: BG Cultural, 1999.
- HALLIDAY, M.A.K.; MCINTOSH, P. S. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- HOUAISS, A. ;VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOLANDA, A.B. de. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- HUDSON, R. A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- Jornal Correio da Paraíba. João Pessoa, 04/08/2005.
- LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in sociolinguistics**. Austin: Southwest Educational Development Laboratories, 1978.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro: 53/54-60/94.
- LEWANDOWSKI, T. **Diccionario de lingüística**. Madri: Cátedra, 1986.
- MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MALMBERG, B. **Le langage, signe de l'humain**. Paris: Picard, 1979.
- MARTINET, A. **La lingüística sincrónica**. Madrid: Gredos, 1968.
- MOLLIKA, M. C. (org.) **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MONTEIRO, J.L. **Para entender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PEIRCE, Charles S. **La ciencia de la semiótica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- POSSENTI, S. ; ILARI, R. Ensino de língua e gramática: alterar conteúdo ou alterar a imagem do professor? In: CLEMENTE, I. (Org.) **Lingüística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- PRETI, D. **Sociolingüística: os níveis de fala**. São Paulo: Nacional, 1982.
- RIEGEL, Martin. **Iniciação à análise lingüística**. Rio de Janeiro: Rio, 1981.
- SABINO, F. **A companheira de viagem**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SAPIR, E. **Language**. An introduction to the study of speech. New York: Harcourt Brace, 1921.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.
- TRASK, R. L. **A student's dictionary of language and linguistics**. London: Arnold, 1997.
- VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**. Problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. Comunicação. In: **Para gostar de ler**, V. 7 – Crônicas. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. **O gigolô das palavras**. Porto Alegre: L&PM, 1982.
- VIOLA, Paulinho da. **Sinal fechado**, nº 6349 122 – Philips, 1974.
- VOTRE, S. Escolaridade. In: MOLLIKA, M. C. (org.) **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- XAVIER, M. F. ; MATEUS, M.H. (Orgs.) **Dicionário de termos lingüísticos**. V 1. Lisboa: Cosmos, s.d.
- WARDHAUGH, R. **An Introduction to sociolinguistics** Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1992.

Ficha Técnica

Autoras

Maria do Socorro Silva de Aragão: Licenciada em Letras, com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Lingüística. Atua como Professor Visitante na Central Connecticut State University, (USA) e na Universidade Federal do Ceará. É autora de várias obras científicas e didático-pedagógicas.

Rita de Cássia de Oliveira: Licenciada em Letras, especialista e mestre em Lingüística. Professora da rede estadual, exerce as suas atividades na Secretaria da Educação Básica do Ceará. É autora de material didático-pedagógico e atua na área de formação de professores.

Este livro foi composto na fonte Arial, corpo 10, e Palatino, corpo 10;11,5;13;14.
O miolo foi impresso em papel off-set 75gr e a capa em cartão supremo 250g/m².
Editoração Eletrônica, impressão e acabamento nas Edições Bagaço em 2006